



Capítulo 1

Sábado, Alemanha

— Eu sabia, o bom senso prevaleceu, eu não fui condenado. — Ao sair do tribunal cercado de repórteres das mais importantes redes de televisão de todo o mundo, ele desabafou — Agora sou inocente, alguém tem dúvida disso? — E saiu dizendo — Agora só tenho o que comemorar. Esses babacas nem imaginam o quanto estou feliz. Podem me perguntar, mas nada vou responder a ninguém, eu só quero brindar. — E, sem demora, entrou no carro que o esperava na porta do tribunal e seguiu em destino à sua bela mansão em um nobre bairro em Frankfurt, dando um último tchauzinho e tentando fechar os vidros do seu lado, mesmo envolto às perguntas, as quais fingiu não ouvir. — Depois minha assessoria marca uma coletiva, todos vocês terão as respostas para o que quiserem saber. — Ele falou, mas, no fundo, sabia que tudo o que os repórteres queriam era apenas uma resposta interessante, pois só com isso eles ganhariam a noite. Ele não queria falar em um momento de empolgação, pois poderia falar coisas que não deveria, e isso era tudo que os repórteres queriam. Assim, ele fechou os vidros e seguiu sua viagem.

O motorista, tendo muito trabalho para despistar todos os repórteres até não serem mais vistos, depois de muitas voltas pela cidade entre as ruas para que pudesse ver se ainda estavam sendo observados, chegou à conclusão que não estava mais sendo seguido e conseguiu tranquilamente ir para o seu destino. Destino que nem o doutor Gutenberg sabia exatamente qual era. Mas ele confiava em seus amigos e tinha certeza que seria para um lugar onde encontraria seus mais próximos e queridos companheiros. Mas, a cada minuto, ele não parava de pensar — conseguir, conseguir — e repetia para ele mesmo. A emoção era indescritível, depois de um grande susto, chegando quase a ser condenado, mas isso agora é passado. Depois de ter conseguido, diante do tribunal alemão, ser inocentado, estava certo de sua vitória nas eleições presidenciais.

Os seus pensamentos não eram diferentes do início de sua viagem, mas novos pensamentos surgiam a cada momento sem parar.

“O que devo falar no meu próximo discurso? Depois dou um jeito, tenho um monte de assessores, para que me preocupar”. — Respondia ele mesmo as suas perguntas. Meio displicente, olha o vidro do carro e percebe que está sendo levado para a sua mansão, era a que ele mais gostava, e isso não era segredo para os seus amigos e não foi por acaso que escolheu aquela casa.

Uma grande festa o esperava em sua magnífica mansão na capital alemã com os melhores amigos de toda a parte da Alemanha. Quando ele chegou, não esperava tantas

peças juntas em sua casa e, ao se deparar com aquilo, ele se surpreendeu e perguntou:

— Como vocês sabiam que eu seria inocentado?

No meio de tanta gente, alguém grita, chamando a atenção das pessoas:

— Porque você é o grande Gutenberg, e ninguém tem coragem de condená-lo. — fala que foi seguida por um monte de aplausos de todos os presentes naquele dia inesquecível.

— Nem a maior corte alemã. — completou o fanfarrão que estava ali presente quando ninguém mais estava dando ouvidos para os seus comentários.

Mas, em sua mente, no fundo, o doutor Gutenberg acreditava que precisaria encontrar uma palavra ou frase para falar para toda Alemanha até que um dos seus assessores chegou ao seu ouvido e disse algo. Ele pede a atenção de todos os presentes e fala:

— Fico muito grato com esta festa, pois, eu sei, tenho muitos amigos, e isso me deixa muito feliz, mas também tenho muitos admiradores em toda a Alemanha que, sem dúvida, gostariam de estar aqui e, por muitos motivos, não estão. E vocês não acham que eu tenho a obrigação de dar explicações a essas pessoas? Pois, tenho certeza, não são poucas. — Todos se entreolharam meio sem entender muito sobre o que se passava, mas concordaram. Nesse instante, entraram dois repórteres, um da mais importante rede de TV alemã e o outro, da americana, e mais uma vez, todos estavam sem entender nada, pois aquela festa era escondida da imprensa – Pois é, meus amigos, aqui temos

dois importantes repórteres, se não são importantes. As emissoras em quem trabalham, com certeza, são. Vocês devem estar se perguntando o que estes dois conhecidos profissionais estão fazendo aqui? — Fala Gutenberg dirigindo-se às pessoas que estavam na festa e completa: — Mas vou lhes dar a resposta agora, eles vão transmitir uma pequena mensagem ao vivo para os seus devidos canais de televisão. Darei uma pequena resposta aos meus outros amigos que gostaríamos que estivessem aqui, mas, por muitos motivos, não estão: pela distância, trabalho e outros contratempos. É melhor não tentar adivinhar, mas tenho plena convicção de que se eles pudessem, estariam compartilhando e se divertindo agora comigo e com todos vocês que são sortudos e privilegiados por estarem comigo.

Os dois repórteres, Erich Wesley da CNN e Otto Görin da ARD alemã, ficaram felizes por estarem na hora e no local certos, ou, pelo menos, o americano, pois ele tinha fontes que garantiam que Gutenberg iria para aquele lugar, papel de um ótimo repórter com anos de caminhada. Já o da TV alemã, recém-contratado pela emissora e sem destino para ser escalado, mandaram para a entrevista menos provável de ser conseguida: com o político.

— Tudo pronto para porem-me no ar? — Gutenberg pergunta.

— Sim. — Diz o repórter da TV americana.

— Estou falando sério! Tenho uma exclusiva! — Dizia o repórter da TV alemã, quase chorando, pois, estava cansado de implorar, tentando convencer alguém na emissora que lhe mandasse a uma entrevista exclusiva. E

ouviu do outro lado — Preste atenção! Vou te falar uma coisa, estou procurando um motivo para te mandar embora desde que te contrataram, e vou te dar essa chance de dar esse furo, eu sei o que está pensando, mas é mentira, pois você é um inútil, e ninguém te convidaria para dar esta notícia. Se Gutenberg fosse fazer isso, com certeza, me procuraria, sou o mais importante comunicador desta emissora, e não um inútil igual a você! — Falou um arrogante diretor da emissora — Falei isso só para lhe deixar consciente da sua demissão. Quando estiver pronto, é só me falar. — Termina.

— Agora demito este sujeito. — Fala em sua sala dentro do estúdio da emissora.

— É agora, senhor, pode avisar do plantão.

Sem acreditar muito, o diretor manda dar a notícia que, dentro de 30 segundos, estará entrando no ar uma exclusiva com o doutor Gutenberg.

— A partir de agora, a qualquer momento, senhor! — Responde determinado funcionário do canal de televisão.

— No ar! — Ouviu o repórter da TV alemã. — Boa noite! Trazemos, com exclusividade, o pronunciamento, talvez o mais esperado de hoje. Depois de ser inocentado da acusação de divulgação e apologia do nazismo na Alemanha e em vários países, doutor Gutenberg com a palavra.

— Vou ser breve em minhas palavras, — Avisa — quero primeiramente agradecer a quem sempre acreditou em mim. Estou muito feliz, é óbvio, mas quero dizer o seguinte: sempre acreditei na justiça alemã, nunca

desacreditei, cheguei a desconfiar, confesso, nunca desacreditei. E hoje a justiça que se diz justa, e não podia ser diferente, cumpriu o seu dever de justiça, não deixando que eu fosse condenado, inocentando um inocente. Eu não sou justo, nem pretendo ser nunca, mas, da última acusação, tenho consciência de minha plena inocência. Nossa competente justiça alemã provou isso. Boa noite. — Gutenberg termina. Ele despediu-se do povo alemão, certo de que a mensagem dizia muito e procura o assessor para agradecê-lo pelo palpite.

O repórter não acreditava no furo que acabara de dar e concluiu dizendo com muito orgulho:

— Boa noite! E aqui vocês acabaram de assistir ao pronunciamento do grande doutor Gutenberg que, sem dúvida, agora entra de vez na disputa pelas eleições à presidência da Alemanha. Só para lembrar, ele foi acusado de apologia ao nazismo, segundo os seus advogados, pela oposição e seus principais concorrentes. — O repórter termina sua fala, mas, no fundo do coração, o desejo dele era ver a cara do seu diretor de jornalismo, e fazê-lo engolir todas as palavras anteriores à exclusiva. Mas se conteve e ficou na festa até que ela terminasse, isso fazia parte do combinado entre ele e o futuro presidente alemão, se tudo ocorresse normalmente.

Na central de notícias do canal alemão, houve grande comemoração, pois eles haviam dado o maior furo de reportagem na política alemã nos últimos tempos. Quem não sabia se comemorava ou se chorava era o diretor de reportagem que, depois de ter falado tudo e mais um pouco

para o repórter, não sabia como olharia em sua cara quando o encontrasse na próxima vez. O diretor recebeu telefonemas do setor executivo do canal, e ele, não modestamente, transferia todos os créditos para o repórter responsável pela matéria, como um pedido de desculpas entre ele e sua consciência. Os que ligavam para ele diziam:

— Você está sendo muito modesto, e humilde também, o que não combinam com você.

E, a cada final de telefonema, ele dizia a si mesmo:

— Eu sei o que fiz, agora que eu aguente as consequências, mas, no fundo, foi uma boa reportagem, pena que não fui eu quem deu esse furo magnífico.

Capítulo 2

USA

— Meus caros, hoje, neste importante dia para a Academia Internacional de Pesquisas Históricas, estamos aqui para entregar mais um importantíssimo prêmio, o maior objeto de desejo de todos os historiadores do mundo. E, nesta noite, quero agradecer a presença de todos os presentes. O prêmio vai para o grande historiador Hans Max, por sua pesquisa sobre a vida de umas das pessoas mais influentes do mundo no século passado. — O apresentador ganhou aplausos por todos os presentes no auditório da sala de entrega do prêmio.

— Se eu disser que acho merecido este prêmio, vai parecer falta de modéstia. — Fala com um brilhante sorriso no rosto Hans Max, sendo mais uma vez aplaudido de pé, e continua: — Olha, posso não saber o que é felicidade, mas se existe felicidade neste mundo, com certeza, sou sua moradia e se ela tem nome, chama-se Hans Max.

Estas foram as suas curtas palavras naquele dia, que, sem dúvida, foi o mais importante de sua vida, e não fez mais nenhum comentário, além de dizer que aquele prêmio não era só dele, mas também de um alguém muito especial, a qual ele não precisava falar o nome, pois a

pessoa logo saberia que se trataria dela ao ouvir o discurso do historiador.

A pessoa que entregava o prêmio pediu que ele citasse uma passagem de seu livro, e ele falou:

— Na página 193, no terceiro parágrafo, está escrito uma coisa que é muito interessante, só vou citar por ser a única que vem à minha cabeça no momento, mas não tem nada de especial. “Aí está na cara de muitos, mas visto por poucos ou quase ninguém”. Esta foi a frase que todo mundo queria decifrar no auditório, mesmo ele falando que não queria dizer nada. — Boa noite e muito obrigado. — Assim se resumiu a entrega do principal prêmio de história dado pela Academia Internacional de História do ano. E Hans Max assistia e não cansava de ver e ouvir na televisão, revistas, jornais e, enfim, todos os meios de comunicação possíveis no seu país. Apesar de aparentemente modesto, ele sabia que agora as coisas iriam acontecer e, pelo menos por um curto período, ele seria disputado por todas as mídias.

Mas, diante de tantas festas e comemorações, ele não queria, e não podia, esquecer-se da pessoa mais importante em sua vida, à qual ele dedicou aquele prêmio sem citar o nome. Por ter discutido com o seu fiel colaborador — o seu filho —, deduziram todos os que lhe conheciam. O seu filho ali naquela plateia se fazia presente sem ser visto por ele, e aplaudiu-o como todos os que estavam ali, mas fez questão de não falar para o pai que estaria lá no meio de todo aquele público que o reverenciava. Apesar da pequena discussão que havia tido com o pai, nada mudara em relação ao que

ele sentia pelo grande mestre que era como ele o chamava carinhosamente, sendo o seu principal fã.

Capítulo 3

Alemanha

Em meio a tantas comemorações, o celular de Gutenberg toca e ele sai para um local reservado e atende.

— Alô.

— Parabéns! Você conseguiu.

Ele reconheceu aquela tão familiar voz que há muito tempo já o orientava.

— É, consegui, e você não vai me dar uma recompensa?

— Agora é que começou a batalha.

— Mas estou livre para concorrer às eleições, não é esse o nosso objetivo? — interrompe Gutenberg.

— Sim, é lógico. — Ouviu a voz do outro lado da linha — Mas nós ainda temos muito que fazer para tudo dar certo. Ser presidente da Alemanha é apenas parte do plano, você já deveria saber. Você precisa encontrar um livro que talvez esteja perdido em alguma parte do nosso país em uma antiga biblioteca, quem sabe em alguma casa antiga, em um prédio do governo da época de Hitler, talvez. Não sei, só estou tentando te orientar, mas sem uma base concreta.

Do lado de cá da linha, o grande Gutenberg não

acreditava em tantos absurdos.

— Eu, correr atrás de um livro que nem ao menos sei se existe? Mas se tem que ser feito, que seja. Até quando você quer este livro? — Após desistir de enfrentá-lo, Gutenberg pergunta.

— Até depois de amanhã, você tem quarenta e oito horas para descobrir tudo sobre este livro e entregá-lo a mim pessoalmente no endereço que ainda vou te passar por e-mail ou de outra forma qualquer, é só você esperar, tudo vai estar pronto na hora certa e quando você realizar este trabalho, aí sim, tudo estará resolvido sem problema algum. Você poderá até se considerar eleito presidente alemão. — Dá uma risada, em seguida, desliga o telefone.

Sem saber se começava agora ou se deixava para depois, Gutenberg começa a pensar se realmente valeu a pena tudo o que fez para chegar até ali. Deixou família, vida de classe média, o sonho de seu pai de tornar-se médico. Mas nem ele poderia responder a essas perguntas, nem ninguém, ele sempre dizia:

“O destino pode até dar duas opções, mas só nos dá uma resposta, a que você escolher. Mas sou uma pessoa feliz, tenho dinheiro, muitos amigos importantes, sou formado em administração pela Universidade de Frankfurt, sou muito popular entre todas as classes. O jeito para conseguir tudo isso é que eu não sei se foi legal ou não, na verdade, depois que resolvi trabalhar para esse cara, minha vida mudou radicalmente, e tudo o que tenho consegui com a ajuda dele, mas também ele nunca me pediu uma coisa para eu não cumprir e não vai ser desta vez que vou ficar

em falta com ele. Vou dormir um pouco e acordar pronto para procurar esse livro que tanto interessa a esse alguém. Mas que livro será esse? Ele não me falou o título”. — Enquanto pensava, o celular tocou mais uma vez.

— Alô! — E sem dúvida é a mesma voz de alguns minutos antes.

— Eu me esqueci de um detalhe muito importante.

— Verdade. — Diz Gutenberg interrompendo a pessoa que falava do outro lado da linha.

— Olha só como você é genial, aposto que até já sabe por que eu liguei de volta.

— Tomara que seja para dizer o nome do título do livro. — Fala Gutenberg com jeito de superioridade por ter acertado o motivo da nova ligação do seu grande chefe.

— Também por isso. — Responde a voz do outro lado, deixando-o meio decepcionado. É verdade, o título é bem importante, mas o que eu queria dizer é que este livro foi escrito por Adolf Hitler.

— *Minha Luta*. — Diz meio sem querer Gutenberg, mas muito feliz por resolver muito cedo o problema.

— Não, não, é de muito tempo depois de *Minha Luta*. — E, mais uma vez, Gutenberg sente-se limitado em seus conhecimentos.

— *Os Próximos Mil Anos*, esse deve ser o título se ainda existir e se ninguém tiver mudado e publicado, pois creio que só haja o original. Ah! Deve ser o volume um, mas, provavelmente, nem marque qual volume é, por ser o primeiro e ainda não ter sido publicado em país algum.

— Mas, que eu saiba, Hitler só escreveu um livro.

— Era o que eu pensava e que o mundo pensava também, mas, com certeza, ele escreveu outro pelo menos, pode não ter sido publicado e é por isso que ninguém nunca ouviu nada sobre este outro livro.

— Não poderia ser de outro escritor? — Interroga Gutenberg.

— Não, tenho certeza de que é dele.

E sem argumentos para mais contestação, Gutenberg apenas concorda:

— Sim, senhor, se é assim que o senhor quer, que seja deste jeito e a partir de hoje, assim que amanhecer, eu entrarei em ação em busca deste livro.

Do outro lado ele ouve:

— É exatamente isso que espero de você, meu querido, então só posso te desejar muito boa sorte para você em sua busca, ou minha, melhor dizendo. — A pessoa do outro lado da linha faz um comentário querendo ser engraçado.

— O que posso garantir é que farei o possível e, sem dúvida, tentarei o impossível nesta busca, se vou conseguir, ou não, é outra história, só as próximas 48 horas poderão dizer, porém, vou tentar.

— Você vai conseguir, sei de sua coragem. Se este livro realmente existir, saberei, pois você vai provar, para mim e para o mundo, que Adolf Hitler não foi pior que muitos outros que fizeram parte da história política e até hoje fazem parte deste mesmo mundo que estamos ajudando a construir sua identidade no presente para ser contada no

futuro. Boa sorte e bom trabalho para você, aguarde meu contato. Ótima festa.

— Valeu! Muito obrigado. — Disse Gutenberg, mas a linha do outro lado já estava sem ninguém. E ele faz um comentário, em seu pensamento: *“Que cara maluco, eu, um quase presidente da Alemanha, tendo que encontrar um livro que não sei nem se existe.”*.

Esses pedidos eram fúteis, aparentemente, mas ele sabia que não podia vacilar, porque o seu futuro dependia disso, mas ele, por um momento, parou para pensar: *“Será que poderia perder as eleições? O povo todo está ao meu lado, o que é que vai me impedir?”*.

Aquela pessoa, há muitos anos, vinha lhe dizendo o que deveria fazer. Apesar de Gutenberg nunca ter deixado de fazer nada do que o cara queria, jamais chegou a conhecê-lo pessoalmente, então ele não teria motivos para se assustar? Quem sabe, exatamente por nunca tê-lo conhecido, Gutenberg não deveria ter medo?

“Ele me conhece, mas eu não o conheço, então, ao invés de contestar, vou é correr atrás de seu desejo, mesmo sabendo que este é o pior dos pedidos por ele já feitos, depois de muitos anos de convivência com aquele desconhecido. Nem sequer sei de onde ele veio, nem para onde vai, o que quer de mim, qual a minha serventia para ele?”. — Estas foram questões elaboradas por Gutenberg. Nesse instante, ele percebe que já deveria ter feito essas interrogações há muitos anos.

Agora ele sai de seu lugar privado onde se encontrava sozinho com o seu celular, indo para a festa que parecia

chegar ao final. Gutenberg declara que está de saída para o seu apartamento, no centro da cidade, mas, na verdade, ele já pediu para o seu motorista ir preparando o helicóptero, pois precisaria sair. Ele deu meia-volta e, pelos fundos da casa, entrou no seu helicóptero, alguns estranharam sua ida de helicóptero para tão perto.

— Deve ser para chegar mais cedo. — Comentou alguém, mas a grande maioria dos que estava ali não se deu conta do barulho do helicóptero. O que queriam mesmo era curtir o fim daquela noite, tomando muito vinho, champanhe e todas as melhores bebidas às suas disposições.

Já dentro do helicóptero, Gutenberg, aparentemente abatido, pede para o seu piloto ir em direção a Berlim. O piloto acha meio estranho, mas cumpre as ordens do patrão. Ele tenta falar alguma coisa, mas termina ficando calado. “*Será por tudo que ele passou?*” — Interroga-se o piloto fazendo seu trabalho sem comentários.

Mais uma vez surgem dúvidas na cabeça de Gutenberg. “Aquele cara me botou numa fria, pedindo para divulgar aquelas fotos e publicar aquele livro que não escrevi, apesar de ter sido muito bem vendido. Quem sabe o motivo seja mais a repercussão que o conteúdo? Justamente por ser uma espécie de apoio ao nazismo, mesmo que fosse indiretamente. O livro contava com muitos elogios a Hitler, reconhecendo sua coragem por ter lutado pelo povo alemão como nenhum outro ser humano fez. E ainda me fez espalhar pela internet, em sites e e-mails, inúmeras fotos de soldados da Segunda Guerra Mundial, alcançando

assim muitos lugares do país. Não entendo qual é a dele, se quer me apoiar ou me derrubar? Mas, ao mesmo tempo, ele foi quem conseguiu os advogados, o julgamento para o dia determinado. Como ele mesmo havia me dito como tudo ocorreria, o que diriam os promotores, os argumentos dos advogados. E o pior de tudo é que aconteceu exatamente como ele me contou, quer dizer, o pior, não, o melhor”. — comenta um pouco alto, chamando a atenção do piloto que, por um momento, acreditou começar um diálogo com o patrão.

“Estou com 51 anos e, às vezes, pareço um garoto de 18, sendo dominado por uma pessoa que nunca nem vi, como isso é possível de acontecer? — Pergunta-se meio decepcionado — Mas se eu ainda continuasse na mesma vida que levava, sem muita perspectiva, será que hoje seria uma das pessoas mais cotadas a assumir o poder de chefe de estado de um dos países mais ricos da Europa? Estou reclamando de barriga cheia, quantos não gostariam de estar em meu lugar?”. — Gutenberg diz apenas em pensamento, tomando cuidado para não pensar tão alto e chamar a atenção do piloto. — “Tudo nesta vida tem o seu preço, e o meu é encontrar um livro que nunca vi, não conheço quem o tenha visto, na verdade, não sei nem se ele existe realmente ou se é apenas invenção daquele que eu não sei se chamo de idiota, ou de gênio”. — Diz isso se referindo ao cara que lhe deu tudo em sua vida até aquele momento.

Quando chegou a seu apartamento em Berlim não fez muitas coisas diferentes das habituais: foi ao seu

computador que mantinha no escritório e passou um e-mail para o seu motorista, pedindo para ele chegar o mais rápido possível onde ele estava, pois precisaria de seu serviço durante pelo menos dois dias na capital alemã.

Deitou-se em sua luxuosa cama e começou a pensar por onde começaria, mas preferiu tentar dormir para descansar depois de tantas comemorações e surpresas. No momento, ele só queria dormir e esperar para ver o que iria acontecer. Ele aguardava pelo seu motorista, pois, naquele momento, era a única pessoa com quem poderia contar, uma vez que mantinha o sigilo necessário para não chamar a atenção de ninguém. *“Já pensou se as pessoas descobrem que o futuro presidente deste país está à procura de um livro que nem ele mesmo sabe se existe? Iriam me chamar de louco”*. — Esses foram os últimos pensamentos do sonhador candidato ao cargo mais cobiçado da política de seu país antes de dormir.

Capítulo 4

Sexta-feira, EUA

Separado apenas por uma parede no mesmo hotel, Michael também assistia, a todo instante, a reprise do programa que transmitiu a entrega do prêmio que seu pai gravou. Ele não queria mais ficar brigado com o pai por algumas simples diferenças de opinião entre eles, afinal, trabalharam a vida toda em união, apenas por discórdias bobas brigavam, mas, como sempre um se renderia ao outro, como acontecera em outras oportunidades, desta vez não seria diferente, Michael acabaria logo com essa pequena intriga.

Por acordo não firmado, Michael sabia que era a sua vez de se render em relação a este problema. E, com este pensamento, ele resolveu ir até ao apartamento do seu pai, que ficava um andar abaixo do seu, no mesmo prédio. O filho do escritor preferiu não descer pelo elevador, a cada degrau pisando escada abaixo, pensava na felicidade de seu pai ao ver que agora poderia contar com a pessoa mais importante em sua vida para comemorar e dividir aquela felicidade indescritível.

Ao chegar ao apartamento, ele se surpreende com a porta que se abriu quando tocou no trinco. Antes de tocar a

campainha, ele entra e logo se depara com a pior coisa que poderia lhe acontecer, Michael encontra o seu pai deitado de lado, com as costas para a porta. Ele corre para ver o que aconteceu e, ao tocá-lo, percebe, sem acreditar, que Hans Max está com um tiro na testa, já morto, aparentemente há pouquíssimos minutos ou até segundos. Como aquilo tinha acontecido? Ele olha para o lado onde ficava uma janela, mas estava fechada por dentro, o ar-condicionado estava ligado, na televisão, passava um programa de entrevistas. Ele ficou meio sem saber o que fazer, se gritava, chorava, chamava alguém, se sairia dali sem deixar pista ou se matava também, mas antes que tomasse alguma decisão, alguém grita na porta:

— Mãos para cima, não se mexa! — Essa voz ele conhecia de longe, era, sem dúvida, do seu melhor amigo americano, Charles. Não poderia aparecer em hora melhor, ou pior.

— Não acredito? É você mesmo? Não posso acreditar, o que você fez, Michael, com o seu pai? — Charles fez todas essas perguntas, parecendo mais chocado do que o próprio filho do assassinado.

— Não, não fui eu quem o matou! — O filho mostra-se totalmente desorientado ao responder o amigo.

— Então, quem fo... — Charles preferiu não terminar a pergunta, porém pediu para os outros dois policiais que se encontravam com ele deixassem-no com o seu velho amigo. Os policiais tentaram avisar-lhe que poderia ser perigoso, afinal, tratava-se de um assassino, mas ele apenas lhes disse com voz muito calma: — Façam apenas o

que estou mandando, eu sei com quem estou lidando. Qualquer coisa, chamo vocês, podem me aguardar na porta, do lado de fora.

Os dois policiais saíram, mas fizeram questão de deixar claro que estavam prontos para qualquer coisa. Um deles falou:

— É só nos chamar.

— Valeu, obrigado. — disse Charles.

Quando os dois homens saíram, Michael olha para a mais incrédula pessoa à sua frente. Sem muito que dizer, aproxima-se de Charles e o abraça muito forte, tremendo, chorando e suando, apesar do ar-condicionado.

— Você não acha que fui eu quem fez isso, acha? — Pergunta depois de alguns segundos, já separado do abraço amigo.

— O que posso pensar, Michael? Sou um policial e você sabe como ajo em situações deste tipo. Até provar-se o contrário, ou você me contar como tudo isso aconteceu, sou o seu amigo e você sabe o quanto isso me orgulha, mas não percamos tempo, me conta tudo nos mínimos detalhes, pode confiar em mim, acho desnecessário falar isso.

Michael, sem perder tempo, conta toda a história, desde o motivo da briga até como chegou ao apartamento onde estava. Mas o pior estava por vir. Charles continua:

— Pois é, meu amigo, as notícias estão correndo por aí. Em algumas televisões, o que se diz é que você estava com muito ódio de seu pai por ele não compartilhar o melhor

momento de sua vida com quem o ajudou. Resumindo, você estaria com inveja dele. Conheço bem você, tenho certeza de que isso não é verdade. Mas o pior foi quando recebi uma ligação muito estranha, dizendo, indiretamente, sobre um possível atentado que Hans Max sofreria. Sem perder tempo, resolvi dar uma subida aqui para verificar se haveria essa possibilidade, ou seja, antes de tudo isso acontecer, as coisas já conspiravam contra sua pessoa.

— É muito estranho tudo isso. — Michael fala paralisado.

— Mas, continuando o que estava te falando sobre como cheguei até aqui, falei com o gerente do hotel que é meu conhecido e sabe da minha seriedade no que faço, ele me permitiu dar uma passada aqui no quarto do seu pai. É lógico, fui obrigado a contar toda história da denúncia para ele. Seam, o gerente, achou meio boba, mesmo assim me permitiu subir. E quando chego, dou de cara com essa cena lamentável.

— Mas você acredita em mim? — Interrompe Michael.

— Olha, como eu te conheço há todos esses anos, não posso acreditar nessa história, eu sei que você jamais mataria uma mosca, imagine o seu pai, de quem você era o principal fã.

— É, porém, aqui estou eu, pronto para ser preso. — fala sem graça Michael, tentando fazer piada da situação completa — Pelo menos vou ser preso pelo meu melhor amigo.

— E serei condecorado mais uma vez, desta vez, por

prender o assassino do grande historiador em um tempo recorde. — diz friamente Charles, deixando Michael surpreso, pois ele achava que o amigo jamais diria uma coisa daquelas, mesmo sabendo que quando se tratava de sua profissão, ele era muito rígido.

— É isso que você tem a me dizer? — Pergunta Michael quase com raiva do amigo.

— Se for isto que você tiver a me falar: “Ser preso pelo meu amigo”, — Repetiu a frase que ouviu anteriormente à sua e completou — tem como resposta o que acabou de ouvir.

Os dois se olharam nos olhos e novamente se abraçaram. — Você sabe o quanto dou valor à minha profissão, mas antes desta profissão, já te conhecia, você foi uma das pessoas que mais me incentivou e o mais importante, vibrou quando fui aprovado no concurso. Isso me mostrou o quanto você é meu amigo, coisa que eu jamais esquecerei, mas também não posso te liberar, assim sem fazer nada. — Com um gesto Michael tenta interromper — Mas calma aí! — Diz Charles antes que ele falasse alguma coisa. — Eu tenho uma proposta para você.

— E qual é essa proposta? — Pergunta Michael ansioso.

— Você é uma pessoa muito inteligente, e o melhor de tudo é que você sabe disso. — Michael continua sem entender nada — Vou lhe explicar: saia deste prédio agora, e dê um jeito de provar a sua inocência, eu vou entrar no caso da investigação, vou enrolar até o prazo que for dado a você.

Michael não sabia se ficava feliz com a proposta ou se

simplesmente se entregaria e pronto. Ele faz uma última pergunta:

— Se eu for preso, serei julgado pela justiça americana ou alemã?

Charles olha para ele e lhe dá uma sábia resposta.

— Se você não matou ninguém, não será julgado, nem condenado por justiça alguma, a menos que tenha feito isso, — e completou — coisa que sei que você nunca fez.

— Você tem 48 horas para provar a sua inocência.

— Mas e você, como fica? — Pergunta Michael.

— Eu sei o que estou fazendo. — Responde Charles.

— E por onde começar?

— A essas perguntas, não posso e não sei responder, só você será capaz de respondê-las. É melhor você se apressar, porque os outros já estão chegando.

— Mas o que eu vou fazer? Fugir?

— Não, você não é idiota ao ponto de fazer isso, você tem que provar a sua inocência.

— Mas eu não cometi crime algum!

— Não é para mim que você tem que falar isso.

— Você acredita em mim?

— É lógico, e na sua competência. Tanto que estou te dando 48 horas para você me provar o quanto é esperto e o Michael que eu conheci há muitos anos realmente é.

— Valeu, Charles, não sei como te agradecer.

— Na hora certa, você saberá que não tem nada a me agradecer. Agora vá!

— Muito obrigado, Charles, pelo que você está fazendo por mim, poucos fariam isso. Mesmo com a nossa amizade, seria difícil alguém correr um risco como esse.

— Entre os poucos amigos que fariam, isso tenho certeza de que você é um deles. — Charles dá um último abraço no amigo e deseja-lhe boa sorte.

E pouco tempo depois da saída de Michael, batem à porta os outros policiais, mas ficaram surpresos, pois o assassino já não se encontrava mais com o policial. Charles olha para os policiais e os avisa:

— Vocês nunca viram ninguém ali, antes daquele momento. — E os policiais só acenaram positivamente com a cabeça.

Ao sair na rua, Michael começa a se perguntar: “Mas por que Charles fez isso comigo? E ele é muito meu amigo, mas nunca cometeu nenhum erro sequer na sua vida de policial, e agora resolve me dar uma chance dessas quando ele poderia muito bem ser mais uma vez elogiado por todos os seus superiores, ser condecorado por prender o assassino do ganhador do prêmio maior de História. Mas vamos ao que interessa. É! Como começar?”. — Ele fica olhando em todas as direções da rua. — *“Eu vou me entregar, a polícia dos EUA deve ser muito competente e vai ver que eu não cometi crime algum. É, mas e se eles não conseguirem provar que não fui eu quem matou o meu pai? Não, não, eu tenho que provar a minha inocência, é desta forma que vou manter os meus pensamentos”*. — Michael, antes de tudo, pensou em algo que poderia levá-lo a algum lugar. — *“Nova York é muito grande, onde começa? Pegar o*

assassino em 48 horas e fazê-lo confessar vai ser impossível, mas por que Charles me falou aquilo?” – Michael se referia ao que Charles lhe falou: — *“Comece por onde tudo começou”*.

“Mas onde tudo começou? E o que é tudo? Ah! Ele se referia à nossa amizade, será? Eu o conheço há mais de 30 anos e se era assim tão fácil, qual motivo ele teria para não me falar claramente? Quer saber? Chega de perguntas, eu vou é dar um jeito na minha vida e procurar provar minha inocência”. — Ele diz isso saindo de vez do prédio onde estava.

E sem muitas opções, ele sai à procura de um senhor conhecido por Alois, que ficava a alguns quarteirões de onde ele estava no momento. Apesar de há muitos anos não ter mais ido a casa dele, resolveu ir assim mesmo. — “Se eu tenho que começar pelo começo, Alois é a pessoa certa”. — E saiu em busca da única opção que, segundo ele, seria o princípio de tudo.

Capítulo 5

Sexta-feira, Brasil

— Não se preocupe, tudo está quase terminado. — diz Johan.

— Eu quero saber se realmente isso vai acontecer!

— É lógico que vai, ele, daqui a pouco, estará chegado.

— Como você tem tanta certeza?

— Eu sei o que estou fazendo, os meus contatos são muitos bons nos Estados Unidos, deixa comigo. — Totalmente convicto do que estava falando, ele sabia da credibilidade de seus contatos na América.

— Mas dos Estados Unidos até o Brasil são quantas horas de voo?

— Em voo normal ou no meu *Air Flash*? — Johan pergunta todo empolgado.

— Aquela coisa veloz que o senhor chama de *Air Flash* é seu?

— Você já deveria saber há muito tempo que é meu, ou você acha que aquela coisa, como você fala, alguém anda emprestando assim, sempre que eu precisar? Se bem que a mim qualquer pessoa emprestaria.

— É. Realmente o senhor é muito influente em muitos

lugares, mas, nos Estados Unidos, eu não sabia!

— É, você nunca sabe de nada. Mas um dia, quem sabe, você aprende tudo comigo, é lógico.

— Realmente o senhor também é muito modesto. — Ironiza.

— A modéstia ficou para os incompetentes que passam a vida inteira sem conseguir nada, conseguindo apenas uma pequena realização de algo, sem costume algum de receber elogios, assim como você.

— Que isso? Precisa jogar na minha cara? — Fala todo assustado.

— Você sabe que eu estou brincando, você é muito importante para mim. — Disse Johan rindo com um pouco de arrependimento do comentário anterior.

— É o que sempre ouço de sua boca, mas sabe de uma coisa? Eu nunca entendi por que você é tão meu amigo, não tenho nada pra lhe oferecer, e sem falar de sua grande amizade com tantas pessoas importantes, não só aqui no Brasil, mas, em todo o mundo, você conhece gente e tem muitos bons contatos até nos Estados Unidos.

— Não se preocupe, na hora exata, você vai descobrir tudo e vai perceber o porquê, e espero não me decepcionar com você.

— Você sabe que sempre poderá contar comigo em tudo que quiser, sempre foi assim e você sabe.

Era um cara muito inteligente, conhecia Johan desde que ele chegou ao Brasil há muitos anos. Uma pessoa estudada, formou-se em jornalismo, era pós-graduado nos

Estados Unidos, mas nunca precisou exercer a profissão, Johan bancava-o com tudo o que queria, dava-lhe todas as coisas de seu desejo, por isso nunca precisou trabalhar. A sua única ocupação era fazer algumas pesquisas do interesse de Johan, aparentemente, sem utilidades para nada.

O detalhe mais importante nesta história toda é que não sabia absolutamente nada da vida de Johan, pelo menos era o que aparentava.

A única coisa que ele sabia era que sua nacionalidade não era brasileira, mas nem sequer o país de nascimento de Johan sabia e, pouco curioso, como demonstrava, nunca se encarregara de perguntar. Johan tinha a impressão de que, no início, ele ficou meio desconfiado e provavelmente se perguntava: *“Será que ele é gay? Será que ele pensa que sou rico e está tentando fazer amizade comigo”*. — Mas essas perguntas foram sem querer sendo esquecidas à medida que Johan começou a pagar tudo o que ele queria.

A quantidade de gastos com seu ajudante não era pouco, Johan pagava, ou fingia pagar, pois, na verdade, o dinheiro também não era seu, desde viagens e estudos, inclusive a sua faculdade. Chegou um momento que passou a ter medo de perder a vida mansa que levava, já que trabalhar não era o seu forte e toda vida gostou de uma paz financeira, e ele preferiu ficar quietinho no canto dele, apenas recebendo a famosa, como ele chamava, gostosa mesada. Apesar de Johan nunca ter se irritado com nenhuma pergunta feita por ele, até mesmo por não ser

tantas assim, ele deduzia que o garoto tinha medo de perder a moleza que tinha.

Mas toda essa falta de curiosidade sempre deixou Johan um pouco desconfiado, mas como não deveria se meter na vida dele, preferia continuar assim mesmo, afinal, dava uma tremenda vida mansa a ele.

Hoje, com uma idade não muito jovem, mas se mostrando um garotão carioca, tinha a vida que pediu a Deus, uma prancha de surf, muitas mulheres, carros bons, excelentes apartamentos em vários bairros do Rio, apesar de nunca ter deixado de morar em São Conrado, mantinha outros apartamentos com o objetivo único de mostrar aos seus poucos amigos seu poder financeiro. Nunca foi de ter muitos companheiros. Isso desde os tempos de estudante, porém, as suas amizades eram realmente confiáveis e de bastante tempo, no entanto, os mais apreciados eram os estrangeiros, e não eram poucos, talvez até mais que os seus amigos brasileiros.

Outro ponto também curioso nesta amizade é que Johan não sabia quase nada da vida do cara de boa aparência, mais ou menos um metro e oitenta, que tinha muitas mulheres lindas, mas nunca se casou com nenhuma delas. E Johan, apesar da curiosidade, também jamais perguntou por que ele nunca se casou. Já que não tinha família, parentes vivos, ele talvez quisesse acabar com a sua geração. Johan toda a vida pensou assim. Tinha-o como uma pessoa muito prezada. E cuidava dele com muito carinho, isso era para agradar seu chefe que, em todos os momentos, perguntava como ele estava. E, para

dizer que continuava bem, era melhor cuidar seriamente dele, sem esquecer que seu adotado também foi o grande responsável pelo seu primeiro e único emprego.

Saiu para um quarto onde ficava toda vez que queria descansar ou simplesmente pensar na sua vida, como de costume, o celular de Johan toca e é uma misteriosa voz conhecida há muito tempo por ele:

— Alô! — Diz.

— Alô! — Johan ouve a voz com um simples sotaque impossível de descobrir de que lugar do mundo era, porém, há muito tempo, ele já a ouvia e se acostumara com a voz, a experiência não deixava dúvidas, sabia o interesse daquela pessoa.

— Pode falar, sou todo ouvido.

— Tudo correu direito, do jeito que você planejou. — Diz a misteriosa voz.

— Você quer dizer o que nós planejamos. — Tenta ser humilde Johan, mas, do outro lado do telefone, ele ouve apenas um riso e o telefone ser desligado.

E Johan faz o comentário de sempre:

— Não consigo entender como ele não gosta de elogios, nem nunca fala nada além do necessário?

Enquanto estava ainda no quarto, Johan sai para a varanda do seu apartamento que ficava de frente para a praia em São Conrado, um dos bairros mais valiosos do Rio de Janeiro, cercado por uma bela floresta. A única coisa que lhe faltava era dar um fim em todas as suas dúvidas com relação àquela misteriosa voz que há muitos anos o

importunava, porém, ele não podia se livrar dela, pois havia um contrato irrevocável. Mas ele não sabia se tomara a decisão certa quando entrou naquele acordo, ou se fez a coisa errada, a sua única certeza era de que ele devia agradecer tudo o que conseguiu na vida até hoje. Sem querer ter esses pensamentos de sempre, ele levanta a sua vista e, como era de se esperar, dá de cara com a maior favela do Rio de Janeiro, para muitos, a maior favela do mundo. E faz a pergunta sem resposta alguma: – “É, Adolf Hitler, qual será a sua ligação com essa grande favela? Ou será apenas maluquice de um idiota qualquer?”.

Capítulo 6

Sexta-feira

Depois de andar muito com bastante pressa e reclamando o tempo todo, ele chega ao endereço. Ao subir no prédio e chegar ao apartamento, quando tentou bater, a porta logo se abriu. Para a sua surpresa, ele depara-se com mais um crime. Sem entender nada do que estava acontecendo, tenta mexer em alguma parte do corpo de Alois e percebe que ele acabou de ser executado, pois ainda mexia um braço, espalhando um monte de sangue. Todo se tremendo, Michael sai quase como um louco por ter visto tantas barbaridades no mesmo dia, e surge mais uma dúvida em sua cabeça: *“Será que esse crime tem alguma ligação com o outro? Mas ninguém sabia de minha amizade com Alois, nem mesmo Charles”*.

Alois era a pessoa mais querida por Michael, talvez até mais do que o próprio Charles. Alois havia lhe ajudado quando ele chegou aos Estados Unidos para uma conferência e foram roubados todos os seus pertences. Sem saber proceder diante da situação, ele se desesperou e encontrou, por acaso do destino, o maior amigo de sua vida. Naquele dia, Michael foi ajudado como se fosse por um pai e quando tinha qualquer dúvida, Michael o

procurava. Muitas vezes, o visitara, porém, Alois o fez prometer que, em hipótese alguma, ele falaria para ninguém da amizade entre os dois, nem para o melhor amigo ou parente. Suas visitas também não eram sem compromisso, uma vez que havia prometido que só procuraria o amigo quando estivesse em dificuldade, ou com problemas sem saída e também não perguntasse o porquê daquelas exigências.

Charles era filho de um grande amigo americano de Hans Max, eles fizeram uma amizade ainda quando crianças e cresceram juntos. Todas as vezes que visitavam os Estados Unidos, ficavam na casa do pai de Charles. No entanto, diante de tanta barbaridade, ele não via mais saída alguma. Desesperado, percebe alguma coisa em uma das mãos de Alois, eram um pequeno pedaço de papel e uma canetinha. No bilhete dizia: *“Eu sabia que você viria. Sua inocência”*. Além disso, só o número: 3819351.

Muito inteligente, como era, não foi difícil descobrir o que significava a frase: *caneta e o número*, tudo se resumia à uma combinação de um cofre, é lógico! Então pensou Michael. *“Onde estará este cofre? Ah! Não acredito, mais uma pergunta, é demais para mim! Ao invés de tirar minhas dúvidas, Alois me deixa outra. Obrigado, grande homem, por tudo que você me fez e me ensinou. É, antes de me pegarem, preciso ir embora. Valeu grande professor, muito obrigado por tudo”*. — E, nesse instante, sem noção para aonde ir, saiu do prédio antes que chegasse alguém.

Quando chega à calçada do prédio, para sua surpresa, é abordado por dois homens encapuzados que o jogam

dentro de uma limusine, levando-o sem dizerem nada a algum lugar que ele não faz ideia de onde seria, nem para quê. Pergunta quem eles são, de onde são, o que querem, o que vão fazer com ele, mas todas essas perguntas são inúteis, pois não ouve resposta alguma e mais uma vez lamenta dizendo:

— É! Nunca diga que está ruim, porque tudo ainda pode piorar, mas eu duvido que possa complicar ainda mais, ou pode? — Ele diz isso em voz alta para ver se aqueles homens lhe falavam alguma coisa, porém, recebeu um simples silêncio como resposta.

Nas ruas nova-iorquinas em plena noite, aquela linda limusine passava por carros, numa velocidade como se não tivesse nada mais importante além de chegarem sabe-se lá onde, desviando de todos os outros automóveis, trafegando na mesma direção, mas, até aquele momento, todos os ocupantes do veículo continuavam calados.

— Quero uma água. — Michael diz só para ver se alguém fazia alguma coisa, mas antes de terminar o seu pedido, já estava a água em suas mãos.

— E se tiver veneno aqui dentro? Eu não quero. — Ele tenta irritá-los, mas nenhuma das tentativas foi suficiente para incomodar aqueles dois sérios senhores.

Chegaram a um lugar onde Michael nunca tinha aparentemente estado. Todos desceram do carro e, para surpresa deles, diante de um pequeno descuido daqueles dois grandes seguranças, ele conseguiu escapar. O fugitivo pulou um pequeno muro que cercava o local onde ele se encontrava e, sem destino, saiu correndo, mas não tinha a

menor noção para onde corria. No entanto, ele logo percebeu que se encontrava no subúrbio de Nova Iorque e aquele lugar talvez não fosse tão estranho como parecia antes, pois conhecia muito bem aquela cidade. Por alguns instantes, ele sentiu-se aliviado e livre, mas até quando?

— Ainda bem que me livrei daqueles idiotas. — Diz em um suspiro de alívio.

Um detalhe: ele, até então, não havia percebido que os homens que o levaram não fizeram nenhum esforço para evitar a fuga dele. Longe, na cidade toda em silêncio, ele só ouviu, muito distante, a sirene de alguma viatura de polícia, e pensou: *“Sem dúvida, estão me procurando! Mas, pelo menos, de uns eu me livrei”*. Neste instante, ele começa a imaginar: *“Livrei-me de quem afinal? Os caras pareciam não querer me prender, ou eles já teriam me aprisionado? Não, mas eles nem vieram atrás de mim, por qual motivo? Vou é procurar um lugar para me esconder, mas o prazo que Charles me deu é muito pequeno para isso”*. Essas foram incertezas surgidas na cabeça dele durante todo o período enquanto analisava sua consciência, o futuro incerto parecia estar o castigando, por motivos desconhecidos por si mesmo.

— Por onde começar? Mais pergunta sem resposta, eu nem estou acreditando — Ele mesmo comenta — Alois, não posso mais contar com você, Charles já fez o que podia, a quem vou recorrer? Meu pai está morto e, ainda por cima, sou acusado de tê-lo matado, será que tem coisa pi... — O restante não saiu da sua boca por precaução, pois, da última vez que falara aconteceu, no mesmo instante, uma

coisa pior ocorrera.

— É! Acho que vou me entregar, eu confio na polícia americana, ou melhor, vou procurar a embaixada alemã, como não tinha pensado nisso logo? É claro, que ideia genial! É, o problema é quem vai me ouvir a essa hora da noite? Sem documentos, acusado de ter matado o meu próprio pai... Quer saber? — Michael fala um palavrão muito alto. — Vou fazer o que deveria ter feito antes, só tenho duas saídas mesmo, me entregar ou me entregar. Mas a quem? Para a polícia ou para aqueles idiotas? — Andando pelas ruas, apesar da hora, viu uma televisão ligada em um barzinho que aparentava estar fechando, o aparelho em baixo volume, ele conseguiu ver, pela brecha de uma porta, a notícia em um telejornal.

O noticiário dizia ser ele o culpado por ter matado o próprio pai. Baseando-se em fontes desconhecidas, talvez da própria imprensa sensacionalista, a polícia garantia ter fontes provando o envolvimento de Michael no assassinato, que aconteceu por ciúmes do livro ou do sucesso de Hans Max. Michael sabia que eram estas as prováveis acusações, no entanto, o jeito como estavam explorando a história o surpreendeu. Ele ficou pasmo com a notícia.

— Não acredito, isso não é possível, acusação mais idiota! — Ele comenta sem saber de onde tiraram tantos absurdos em tão pouco tempo. — Eu ajudei, sim, o meu pai. — Comenta muito triste. — Em todos os seus trabalhos, menos neste último, mas a notícia que está rolando é essa e, é nestas fofocas, que o povo, e principalmente a polícia,

vão acreditar. Saiu sem destino, nem rumo, e volta à tona, em sua cabeça, a ideia que havia dito pouco tempo antes — É, não tem jeito, vou fazer isso mesmo, — E ele segue para pôr em prática o único plano. Sem pensar muito, Michael saiu, pois sua cabeça estava cheia de dúvidas, então, ele achou melhor não pensar muito e agir, depois esperar as consequências, e assim decidiu entregar-se aos seus sequestradores, julgando terem interesses em comum: não o queriam preso, nem morto, pelo menos demonstraram isso quando tiveram a chance.

Capítulo 7

Brasil

Johan continuava a contemplar a dividida e contrastante paisagem: uma grande favela, uma belíssima praia à sua frente, e uma grande pedra cercada por, simplesmente, a maior floresta urbana do mundo. E se interroga: *“Será que valeu a pena tudo o que fiz em minha vida? É, mas se eu não tivesse aceitado aquela que, aparentemente, era a minha única saída na época? Pois, quando não temos saída e encontramos uma, não devemos contestar e sim aceitar, foi o que eu fiz, se errei, foi por falta de opção e não por medo, burrice, idiotice, preguiça ou outra coisa qualquer, se me arrepender, vai ser por ter feito alguma coisa e não por deixar de fazer.”*.

“Não nasci para viver amedrontado como um incompetente despreparado vivendo apenas para lamentar o que alguns chamam de falta de sorte, no entanto, não fazem nada para espantar o azar.”. — Ele diz certo como nunca de que tomara a decisão correta há mais de trinta anos e termina com suas lembranças dando um belo sorriso de satisfação. A decisão da qual Johan referia-se foi tomada há mais de trinta anos, mesmo contra sua vontade, e tomou conta de sua inconsciência, obrigando-o a fazer

uma viagem ao passado, lembrando-se da vida em Büdesheim, município no distrito de Bitburg-Prüm, onde, sem perspectiva para o futuro, encontrou uma pessoa que parecia ter vindo do céu.

Porém, às vezes, essa pessoa parecia causar-lhe medo, mas não podia negar, na época, as palavras daquele desconhecido chamaram sua atenção pelo tom de esperança. Afinal, filho de pais pobres, sem recursos financeiros capazes de deixá-lo tranquilo, sem medo de encarar o mundo profissionalmente, Johan encontrou uma pessoa que lhe fez uma proposta. Um senhor totalmente desconhecido, naquela época, conviveu com Johan por poucos dias e nunca mais o viu, mantinha contato apenas por telefone, e já não tinha mais tanta certeza se sua voz continuava a mesma.

— Eu te darei tudo em sua vida que o dinheiro for capaz de comprar, mas trabalhará para mim. — Aquele homem desconhecido propõe após terem conversado.

— Mas trabalhar como, onde, com o quê? — Johan pergunta, pois recebera uma proposta de trabalho, mas nunca havia trabalhado.

— Não se preocupe. — Avisa — Diga apenas sim ou não. E garanto, você não vai matar ninguém, nem infringir a lei de forma alguma, é a única coisa que te posso garantir — Conclui o misterioso homem.

— Impossível! — Johan levanta a cabeça e olha nos olhos do homem.

— É! Tenho algumas exigências, é lógico, só depende do

seu sim ou não para eu te falar quais são.

Sentado na mesa de um barzinho que ficava perto de sua casa, deu-lhe vontade de sair dali correndo em busca de alguma coisa com a qual pudesse atacar aquele senhor que parecia estar falando a verdade, porém, ele não queria acreditar. *“Esse assassino criminoso está tentando me pôr em uma furada”*. — Ele preferiu não fazer nada e resolveu dar um crédito para o desconhecido.

— E se eu não aceitar a proposta, o que você vai fazer? — O assustado Johan quebra o silêncio depois de um bom tempo calado.

— Eu tento outra pessoa disposta a conhecer o mundo, ter muito recursos e tudo o que o dinheiro for capaz de comprar — Responde seriamente o homem misterioso.

— Como posso confiar em você?

— Eu não posso lhe dar nada como garantia, além de minha palavra. — Responde Franklin a outra pergunta de Johan: — Meu nome é Franklin. — Termina apresentando-se.

— Eu sou Johan. — Responde totalmente desconfiado.

— Você poderia me falar quais seriam, em primeiro lugar, as condições, aí sim, posso lhe dar uma resposta, positiva ou não.

— Posso, mas acho uma perda de tempo. — Responde Franklin.

Johan olha para o teto, pensa um pouco em sua vida sem futuro, olha nos olhos do homem que se propôs a mudar sua vida e diz:

— Topo, eu estou disposto a trabalhar para você. Quais são as condições, fala, o que preciso fazer?

Franklin ficou meio surpreso pelo jeito como o garoto falou. Por um momento, ele chegou a pensar que o garoto só havia aceitado a proposta para saber das exigências, ou seja, por pura curiosidade. Mas Franklin resolveu investir e ver se valeria a pena, afinal, não tinha nada a perder além de poucos minutos de conversa jogados fora.

— Primeiro: você precisa sair daqui e morar em um lugar escolhido por mim; segundo, esqueça seus pais, ignore completamente a existência deles, seja o filho pródigo, pode até ajudá-los, mas sem que eles se metam em sua vida. Estou sendo claro? — Franklin finaliza.

— Sim.

Franklin ouviu muito baixo, mas convincente da afirmativa de Johan:

— Terceiro e mais importante...

— Ainda tem outro?

— Você tem que estudar muito. — Franklin responde como se não tivesse escutado nenhuma pergunta.

— Esse parece o mais difícil. — Interrompe.

Fazendo de conta que nem ouviu o comentário de Johan, diz.

— O que você quer estudar para seguir como profissão?

— Eu? Nem sei, qualquer coisa, você escolhe.

— Está bem, então, decido o que você vai estudar. Te dou uma semana para se preparar para essa grande mudança de vida, preste atenção, daqui a uma semana eu

te espero na rodoviária, com tudo preparado. — conclui Franklin, ouvindo apenas um ok.

Foi a semana mais difícil que Johan teve em sua vida, os pais não tinham como ajudá-lo, pelo contrário, criticavam-no, pois cobravam dele vocação para alguma coisa. Mas, em uma pequena cidade do interior da Alemanha ainda com problemas deixados pela Segunda Guerra Mundial que praticamente a deixou destruída e dividida em duas, parecia impossível aprender uma profissão. Ele se sentia uma pessoa sem futuro, nem presente e um passado destruído, com isso, foi fácil tomar uma decisão.

Uma semana depois, ele estava lá exatamente como combinado, sem medo de perder, pois não tinha nada. A vantagem de quem não tem nada é não ter nada a perder. E pensando assim, ele tentava se convencer da atitude tomada. *“Aonde vou parar, qual lugar? Até quando? Como? Por quê? E a minha família? Agora é tarde, já estou dentro deste ônibus, indo com destino a Berlin”*. Sem ter a menor certeza se será este o fim de seu percurso, ele começa a arrepender-se.

— Quantos anos você tem? — Franklin faz uma pergunta pela primeira vez após entrarem no ônibus.

— Vinte e um. — Johan responde.

— Ótimo. — Franklin diz em baixo tom de voz. E esse foi o único comentário feito até o final da viagem que, como marcava no ônibus, era para Berlin.

Pegaram um táxi e foram direto para um prédio residencial, onde um excelente apartamento os esperava: grande, confortável e muito luxuoso.

— Este é o lugar escolhido para você de hoje em diante, gostou? — Pergunta Franklin.

— Como não gostar de uma maravilha destas?

— Depois de amanhã, você já vai entrar em ação, o seu primeiro trabalho.

— Qual será, você pode me adiantar? — Johan arrepende-se no mesmo instante que acaba de fazer a pergunta, pois estava morrendo de medo da resposta vinda da boca do outro.

— É lógico, posso, com certeza. — Ele tenta animá-lo — Uma viagem para o Brasil, Rio de Janeiro, já ouviu falar? Lá vai ter um tradutor, não se preocupe com nada, tudo vai estar certo, você só precisa fazer o que eu lhe mandar e pronto.

— E o que eu vou ter que fazer lá?

— O mesmo que eu fiz com você.

— Como assim? Não entendi. — Johan assusta-se.

— Você vai ter que convencer alguém a trabalhar contigo, exatamente como fiz com você, mas com uma diferença, a pessoa já está escolhida e o tradutor vai lhe dizer quem é. Daí para frente, é com você e a sorte. Mais um detalhe: a pessoa, segundo uns contatos, fala alemão, o que pode lhe ajudar ou lhe atrapalhar, depende de sua competência.

— Vou sim, não posso escolher. — Comenta sozinho.

— E agora eu tenho uma surpresa para você.

Neste momento, Johan teve realmente medo de aceitar aquela proposta. Depois de tantas novidades, aquele

homem só agora vem falando em surpresa, imagina o que deve estar por vir, mas preferiu apenas esperar para ver.

— Mas não se assuste. — Franklin percebe o medo nos olhos de Johan. — É bem simples, você me autorizou a escolher seus estudos e já decidi. Quer saber agora ou quando chegar de viagem?

— Agora, é lógico. — Responde meio ansioso Johan, e aliviado por saber que não seria tão ruim a surpresa se confiasse na palavra do ainda desconhecido.

— Então. — Fica meio sem jeito de falar. — Você vai ser padre. — Diz rapidamente.

— O quê? Como padre? Nem religioso eu sou. — Uma série de perguntas surgiu, incertezas e medo fluíram em sua cabeça.

— Mas vai passar a ser, já está tudo acertado com um padre amigo meu, e já estamos ajustando os últimos detalhes para você ir para o seminário.

— Que isso? — Comenta sem acreditar Johan.

— Você falou para eu escolher, então, não reclame. Mas tem uma saída.

— Que saída? — Pergunta o futuro padre meio assustado e esperançoso, mas já se acostumando com seu futuro ditado pelo homem a sua frente.

— Eu me expressei mal, você vai estudar para ser padre, quando for para receber a ordenação sacerdotal, é só desistir, isso depois de oito anos estudando e aprendendo o mesmo que um padre.

Ele não sabia se comemorava ou se ficava ainda mais

irritado com tantos absurdos em tão pouco tempo, mas preferiu simplesmente aceitar o que determinou o seu chefe. E os três dias seguintes foram de orientações sobre como ele se comportaria no Brasil, e aprenderia o necessário. Os três dias foram suficientes para ele aprender a se virar sozinho e a ter responsabilidades, afinal, agora ele era dono de um belo apartamento e precisava administrar a sua vida. Até chegar o dia da viagem, Johan foi inteligente o bastante para aprender o que deveria. No dia da viagem, um confortável e lindo carro o esperava na porta do prédio de sua nova residência.

Quando entrou no carro, Franklin olhou para ele e falou:

— Esse carro também é seu.

Johan não sabia o que dizer e pensou: “Como vou pagar ao motorista e manter esse carro e o apartamento?”.

— Tudo será esclarecido quando você estiver de volta.
— Franklin vai embora.

Tudo correu bem durante a viagem. Depois, Johan voltou para a Alemanha. Ao chegar ao aeroporto, viu que o motorista esperava sozinho, ele queria perguntar por Franklin, mas conteve-se, preferiu controlar a ansiedade de contar para o seu chefe como ocorreu a viagem e ser recompensado pelo menos com um elogio. Mas ao chegar em casa, a maior surpresa de todas estava ali em cima da mesa. O viajante não acreditou nas coisas escritas no pequeno pedaço de papel: “*Daqui para frente, é com você e a sua competência, tem um telefone instalado, aguarde contato*”. Simplesmente ele não sabia o que fazer, mas

tinha empregados para cuidar de todas as coisas do apartamento, apesar de não saber como pagar tanta gente.

Ficou trancado em silêncio, sozinho com seus pensamentos, feliz por ter conseguido cumprir o desejo de seu grande mestre, e triste por não ter ninguém com quem comemorar. Mas, às 22 horas em ponto, o seu telefone toca pela primeira vez. Sem querer atender, ficou imaginando quem seria e o que queria àquela hora. Até que não teve mais dúvidas: a única pessoa que conhecia o número era Franklin, pois, no momento, nem ele próprio conhecia os dígitos para o telefonarem. Johan corre para atender e, ao dizer alô, fica meio na dúvida e pergunta:

— Quem é?

— Bom trabalho, garoto, parabéns.

— Mas quem é você? É o Franklin?

— Não pergunte quem sou eu, sou seu amigo. Preste atenção: amanhã vai chegar um telegrama para você, faça exatamente como estiver escrito, tudo bem?

— Ok! — Responde sem ter mais o que falar.

E no outro dia chega o que a pessoa havia falado ao telefone: não um, mas dois telegramas. No primeiro, estavam os números de uma conta de um banco em seu nome; No outro, que o deixou muito surpreso, pois nem lembrava mais, era o convite e a liberação para entrar no seminário, pedindo para que ele fosse falar com um padre, em um bairro meio longe de onde ele morava, certamente para lhe orientar sobre os cuidados necessários para não ser descoberto durante sua permanência no seminário. E

diante dos acontecimentos, Johan nem conseguiu dormir naquela noite. Mas lembrava exatamente como tudo aconteceu.

— É impressionante eu ainda lembrar estes detalhes depois de tanto tempo. Tanto tempo depois, como me veio isso à cabeça? Nem acredito. Ainda me lembro disso, por que esse passado agora? Eu nem acredito na perda de tempo. — Johan fica meio perdido depois de ter sido tomado por essa grande viagem dos seus mais íntimos e misteriosos segredos vividos, e comenta consigo mesmo: — Eu não sabia que era tão bom reviver o passado. — Terminou o comentário com um sorriso no rosto, e perguntou-se: — Será que Franklin ainda está vivo? Será ele o meu orientador? Onde ele estará neste momento?

Mas o próprio Johan sabia que essas perguntas talvez nunca fossem respondidas por ninguém.

Capítulo 8

Sexta-feira, NY

Quando voltou para os homens que há pouco o tinham tentado sequestrar, Michael achou estranho o comportamento deles, pareciam já o esperar, sem demonstrarem a menor surpresa com seu retorno.

— Eu resolvi voltar. — Fala sem saber qual seria a reação dos homens.

— Nós sabíamos disso, você é inteligente o suficiente para saber qual é o melhor caminho. — Disse um dos homens para o seu alívio e, com voz bem tranquila, continuou: — Nós não nos preocupamos, você só tinha uma escolha: entregar-se. Para nós ou para a polícia. E você logo descobriu qual era a melhor opção. — O homem terminou sua fala, mas não deu um sorriso, nem fez gesto diferente do que vinha fazendo até aquela conversa, no entanto, já havia melhorado, pois estava falando, coisa que até então não havia feito.

Mas, sem perder tempo e aproveitando o bom momento do diálogo, ele pergunta logo:

— Para onde nós vamos?

E mais uma vez teve o silêncio como resposta, mas agora, ele surpreendeu-se consigo mesmo, já estava

tentando familiarizar-se com os seguranças que não demonstravam o menor interesse na nova amizade. Os homens tinham uma preocupação a menos: Michael não tentaria fugir mais, pois teve a chance e voltou sem ser forçado. Os seguranças o levaram, meio forçado, para um local a céu aberto e lá se encontrava um pequeno avião com algo escrito nas laterais, mas ele não conseguiu ler.

— Para aonde vamos? Será que alguém pode me responder? — Ele pergunta quando os homens mostram a entrada da aeronave com um gesto para ele entrar.

Desta vez, alguém lá de dentro do avião respondeu de uma forma simpática:

— Eu, eu vou lhe responder todas as perguntas que quiser saber de agora em diante, mas você precisa colaborar, veja quanto tempo perdemos com essa tentativa frustrada de fuga.

— Então comece me falando logo quem é você e o que você quer comigo. — Diz todo apressado Michael, apesar do susto por estar quase prestes a decolar para um lugar desconhecido.

— Calma! Nós teremos muito tempo para isso, sente-se, por favor. — Pediu o homem que se encontrava já dentro da cabine do pequeno avião. — Primeiramente, boa noite, eu quero lembrar-lhe de alguns detalhes, você, nas condições em que se encontra, não pode exigir muito, nós dois sabemos disso. — Fala o homem com um copo na mão, oferecendo-lhe alguma coisa para beber, mostrando simpatia, apesar do pequeno tom de ironia na voz. Ele vai até à cabine do avião e manda decolar. — Quero saber o

seguinte: o que o seu pai quis dizer hoje com a frase: “Aí, está na cara de muitos, mas vista por poucos ou quase ninguém”? — O homem pergunta sem ao menos identificar-se.

— E eu vou saber? Meu pai fala as bobagens dele, e só por ser filho devo saber? Olha, posso ser sincero? Não tenho a menor ideia do que ele quis dizer com isso, eu sei o mesmo que vocês: é apenas uma passagem do livro.

— Disso todo mundo sabe. — Interrompeu o seu companheiro de viagem. — Mas para quem ou de quem ele falava?

— Ainda bem que você falou a verdade. Ninguém sabe, inclusive eu. — Michael falou de um jeito engraçado, apesar da situação nada favorável.

— Eu discordo de você, e acho que alguém sabe, mas está tentando esconder, esta pessoa está bem aqui na minha frente. — Diz o homem à sua frente.

— Você se enganou completamente, pois eu não sei é de nada.

— Isso nós saberemos mais tarde.

E irritado Michael pergunta:

— Você pode me falar o seu nome, por favor?

— Ah! Sim, me desculpe, é que eu me empolguei e terminei esquecendo de me apresentar. — E completa dizendo com um sorriso meio sem graça no rosto: — Eu sou Yan, muito prazer.

— O que você quer de mim? — Pergunta Michael.

— Nada além do que você sabe. — Responde Yan.

— Mas vocês querem saber? E se eu não souber o que vocês estão pensando? Só vão perder tempo comigo! Ou melhor, pergunta e eu respondo, pronto. Se eu não der as repostas esperadas, você me deixa ir embora.

— Deixo ir embora? Para aonde? Para a delegacia? Esqueceu-se de que você está sendo procurado pela polícia? E só para te avisar, não é para mim que você precisará responder as perguntas, na hora certa você saberá. — Alerta Yan.

— Então você quer descobrir coisa dos outros. — Michael tenta o irritar.

— Vamos mudar de assunto, não sei se você percebeu, mas até agora nós não conversamos nada, só perguntamos um ao outro, vamos conversar, só te garanto uma coisa: sou teu amigo muito mais do que aqueles lá fora que estão à tua procura, não te quero mal algum, pode ter certeza. E por isso eu te proponho uma conversa amigável. Fala-me sobre o seu pai, como ele era, seus gostos e hábitos, enfim, as coisas comuns entre os dois, em que você se parece com ele, tudo o que for possível de se falar da vida de um gênio como Hans Max.

Michael olha para ele com um olhar meio desconfiado e diz:

— Me fala pelo menos para aonde estamos indo, você diz que é meu amigo. E aí, sim, nós poderemos conversar tranquilamente. — Michael está completamente amedrontado, perdido naquele avião rasgando as nuvens dos céus americanos.

— Está bem, vou te falar, estamos indo ao Brasil, mais

precisamente ao Rio de Janeiro, você conhece?

— Não, mas tinha pretensões de um dia conhecer.

— Eu não sei se vai ser possível conhecer desta vez, mas vai pelo menos aprender o caminho — Yan fala como se tivesse contado uma piada sem graça.

— É, mas eu lamento, não sei de nada sobre aquele livro. Em todos os outros, eu ajudei nas pesquisas, menos neste último, ele nem deixou que eu o lesse antes. — Michael diz sem dar importância à piada sem graça de Yan, e voltando ao assunto anterior.

— Quem é a pessoa a quem ele se referiu no seu discurso, se não você?

— Isso eu também queria saber tanto quanto você, se souber a quem ele se referia, não se esquece de me contar. — A piada sem graça agora veio da parte de Michael, pois, como não tinha nada a perder, falava tudo abertamente.

Mas como não leu anteriormente, ele preferiu nem dar importância ao que Michael falou por último.

O filho de Hans Max esqueceu toda a conversa e começou a observar o luxo daquele avião, nunca tinha visto tanto luxo, mesmo tendo viajado já em grandes empresas aéreas, em classes muito luxuosas, aquilo era fora de série: poltronas transformavam-se em confortáveis camas com um simples toque de botão, TV de plasma ligada em qualquer canal do mundo, internet ligada a um computador presente em cada poltrona. Aquilo mais parecia uma bela sala de executivo de grandes empresas, o mais impressionante era a privacidade de tudo aquilo,

com um pequeno toque, a poltrona deslocava-se para trás, descia algo parecido como cortinas e o deixava a sós, em uma perfeita suíte.

— Isso é incrível, até sauna tem aqui — Michael fala impressionado. — E essas bebidas, a gente pode beber? — Pergunta fazendo um gesto para levantar-se.

Seu gesto é interrompido por Yan.

— Sim, mas não precisa se levantar. — E completa — Anne?

E ao ouvir estas palavras, Michael não podia acreditar em sua visão. À sua frente, estava a mais bela mulher que ele vira na vida.

— Essa é a nossa assistente, pode pedir o que quiser a ela.

Ainda hipnotizado diante de tanta beleza, Michael ficou sem saber o que pedir, até suspirar e pedir um copo com água, depois de segundos paralisado.

— Mais alguma coisa, senhor? — Pergunta a belíssima.

— Não, não. — Diz todo nervoso diante da exuberante beleza. — É, aqui eu tenho certeza de que é bem melhor do que se eu tivesse me entregado à polícia. — Michael comentou completando: — Mas como é que você conseguiu sair de um país como os Estados Unidos e entrar no Brasil sem problema algum? Quem está por trás de tudo isso, há pessoas muito grandes envolvidas? Ou você conseguiu tudo isso sozinho? — Michael, logo após a saída da mulher, já começa a série de perguntas.

Yan olha para ele e simplesmente dá um sorriso e diz:

— Lá vem você com mais uma série inacabada de perguntas. — Deu um sorriso. — Mas não se preocupe, na hora certa, você vai saber.

— Vem cá, você pode me falar pelo menos o que vou fazer no Brasil?

— Eu até responderia, mas, na verdade, também não sei. — Yan responde.

— Engraçado, você me joga dentro de um avião, muito luxuoso, diga-se de passagem, com tudo que qualquer pessoa no mundo gostaria de ter, e nem sabe o motivo para eu ir ao Brasil? — Michael fala completamente irritado e continua. — Você é dono deste flutuante luxuoso ou é um personagem sem importância nesta história? — Michael tenta aborrecê-lo.

Yan dá um sorriso e responde entrando na provocação dele:

— Não, não é meu, mas pelo menos não estou sendo acusado de ter matado o meu pai.

— Quem falou que eu estou sendo acusado de ter matado o meu pai? — Perguntou todo surpreso.

— O mundo deve saber disso. — Comenta Yan. — Você sempre foi o principal colaborador em todas as pesquisas dele até seu último livro quando ele alcançou o seu objetivo, pelo menos dizem que o sonho dele era ganhar o prêmio Nobel de Literatura e aconteceu. Você não está presente em nada após Hans Max ter ganhado, nem numa citação na orelha do livro? Vou ser sincero, sorte sua estar apenas sendo acusado.

— Mas ele me cita no livro, sim. — Diz com um tom de voz que chamaria a atenção de quem estivesse perto.

— Onde, em que parte do livro? — Pergunta tranquilamente Yan.

— No discurso dele, de quem ele estava falando se não de mim? Quando disse querer dividir aquele prêmio com uma pessoa muito especial, que só não falaria o nome porque ela sabia quem era, de quem ele estava falando? — Michael pergunta certo.

— Eu tenho minhas dúvidas se era de você mesmo. Se fosse, ele teria falado o nome, você não acha?

— Brigado comigo, como ele poderia me citar se o mundo sabia de nossa briga?

— Não vejo momento mais propício para se fazer as pazes se tinham brigado por bobagens mesmo, como dizem.

Michael ainda não tivera dúvida do que o pai tinha falado ao receber o prêmio, mas agora começa a pensar seriamente, em silêncio, se realmente seria ele a pessoa especial. Ficou um bom tempo sem comentar nada com o seu companheiro de viagem, apenas pensando quem seria a pessoa tão especial na vida de seu pai. Uma mulher, será? Outro filho perdido por aí, talvez? O editor do livro? Quem seria além dele? Mas preferiu ficar com suas suspeitas, mas dali em diante, passou a ter dúvida: *“O único livro que o meu pai escreveu sem a minha ajuda dá a ele o mais importante prêmio da categoria mundial. Era eu o pé frio e meu pai sabia disso? Não, isso é pura superstição”*. — Michael pensa consigo mesmo.

Depois de mais alguns momentos de reflexão por parte de Michael, o silêncio é quebrado por uma pergunta como se nada tivesse acontecido, nem mexido em seus sentimentos:

— Posso dar uma olhada na internet?

— Poderia, mas aqui não pega, e acho bom, você não iria gostar das notícias dos jornais. — Yan comenta.

Fingindo não ouvir o comentário, Michael liga o computador que já está na página do jornal *The New York Times*, mesmo não estando com a internet conectada, a tela inicial mostrava a página que teria sido lida por último. Nela, via-se a manchete: “*Ganhador de prêmio é encontrado morto*”, e ele viu a foto do momento que tinha presenciado há pouco tempo, a foto do próprio pai morto. Abaixo continuava um subtítulo, “*a polícia suspeita de execução e o principal suspeito é seu filho, Michael*”. Muito irritado, ele dá uma porrada no teclado e desliga o computador.

— Que foi? Eu falei, você não iria gostar das manchetes. — Yan fala.

— É, mas você parece ficar feliz sabendo da minha desgraça, torça para nunca estar na minha situação, e nem queira saber o quanto é difícil ser acusado de um crime que você não cometeu, e ainda, senhor, obrigado por me ajudar a fugir para outro país, como se fosse um assassino.

— Mas essa visita será rápida, e olha que a gente já está chegando.

— Como chegando? Acabamos de embarcar neste avião, e, pelo que eu sei Brasil não fica bem ali na esquina não.

— Acabamos de embarcar nada, você só conversou e não prestou atenção no quanto é veloz esse avião. Ou você acha que só luxo vale alguma coisa? Precisa ser eficiente também. — Yan deu um sorriso, foi até a cabine do avião perguntar em quantas horas eles estariam aterrissando e descobriu que seria em poucos minutos.

Ao descobrir que estariam chegando, Michael não sabia se ficava feliz ou triste, pois não fazia ideia de nada, porém, de uma coisa tinha certeza, preso não iria pelo menos enquanto não descobrissem onde estava, no entanto, isso não parecia difícil. E ficou sem entender nada da proposta de Charles. Será que Charles sabia de tudo aquilo que estava acontecendo com ele? Teria ele algum envolvimento com aquela situação? *“Se Charles sabia de minha inocência, era só me prender, ficaria fácil para ele se livrar de tanto trabalho inútil. Prendia-me, eu dava um jeito de provar minha inocência com a ajuda dele mesmo, tão simples. Ou talvez tenha muita coisa por trás do assassinato do meu pai”*. — Michael pensa, enquanto o avião aterrissava.

Capítulo 9

Sábado, Alemanha

O doutor Gutenberg não queria mais perder tempo e começou a procurar o que, para ele, seria a coisa mais importante, depois de sua eleição, é lógico.

“Por onde começar?” — Essa foi a primeira pergunta que fez ao acordar. — “Primeiro, identificar todas as bibliotecas públicas e particulares de Berlim, porém, não tenho a menor ideia de quantas são. E o pior é não poder contar com ninguém para me ajudar”. — Continua. — “A não ser o meu querido e confiável motorista, espero que tenha chegado ou esteja chegando”. — Esses eram os seus pensamentos, enquanto lavava o rosto na pia, se olhando no espelho, com um jeito meio preocupado. Sem noção da hora, ele se vê novamente no espelho e diz:

— É, o que tiver de ser, será. Está quase chegando o momento. Espero conseguir aquele livro de tanto interesse para o misterioso orientador, mas nem posso reclamar, ele tem me ajudado à beça.

Neste momento, ele entra numa deliciosa banheira, pronta só à espera que ele entre para relaxar, apesar de parecer muito difícil para ele relaxar naquele momento. Depois daquele delicioso banho, sem demora, ele se veste e

vai até a sala. Seu motorista já havia chegado.

— Oi, Nikolas. — Cumprimentou-o — Obrigado por ter chegado tão rápido. — Gutenberg diz com um sorriso meio descontraído — Vamos tomar um café e depois nós vamos sair, aparentemente, teremos muito trabalho hoje, meu querido, e espero poder contar com você.

— Não, obrigado, eu já tomei café e pode contar comigo para tudo. O senhor sabe disso. — Nikolas responde.

— Mesmo já tendo tomado café, quero pelo menos sua companhia na mesa, e você pode aproveitar para me contar alguma novidade, se tiver, é claro. — Diz com jeito de riso, sendo seguido até a mesa por Nikolas que nada fazia além de cumprir ordens de seu patrão.

Ao chegar à farta mesa, Gutenberg percebeu que não faltava nada e pediu a uma de suas secretárias do lar, como ele tratava as suas empregadas, para deixá-lo a sós com o seu motorista. Nikolas foi quem tomou um susto com esse pedido, pois, apesar de ser uma pessoa de confiança do patrão, nunca ouviu Gutenberg pedir um momento a sós com ele, mesmo sendo apenas para conversa, porém, preferiu manter a tranquilidade, ou pelo menos demonstrar algo parecido.

— Alguma novidade, Nikolas? — Gutenberg pergunta, certificando-se de que estavam só os dois na sala, onde ele tomava seu café da manhã.

— Não, a novidade fica por conta do senhor, pois contrariou toda a sua agenda de compromissos. Kerstin vai ficar maluca quando souber que o senhor vai dar uma fugida das suas obrigações. — Nikolas sabia que não era

costume de seu patrão mudar sua agenda de compromissos e, aparentemente, aquele dia não era para ele estar em Berlim.

— É verdade, mas eu vou ligar para ela e pedir para adiar todos os meus compromissos de hoje, amanhã, e depois de amanhã. — Nikolas chegou a assustar-se com aquele comentário e pensou ser até brincadeira.

— Como assim? — Nikolas interroga. — Faltam poucos dias para as eleições e senhor resolve tirar férias? A Kerstin vai enlouquecer, ou isso é ideia dela? — Ele diz isso sabendo do poder de decisão exercido por Kerstin sobre o futuro presidente da Alemanha.

— Não, você parece esquecer como a Kerstin é, ela jamais me pediria isso em tempos de eleições. Cada pessoa faz o que acha certo, e eu não sou diferente, tenho um problema a resolver sem poder contar com a ajuda de ninguém, além da sua, mesmo assim, não posso te contar nada, pelo menos por enquanto.

Nikolas deixa transparecer em seu rosto uma preocupação que não era comum sentir em relação ao patrão, no entanto, fica calado.

— Mas não se preocupe, são coisas da vida, ou melhor, só tenho que encontrar um livro. — Depois deste comentário, Nikolas não entendeu nada mesmo. — É, um livro. — Completa Gutenberg ao perceber o quanto seu motorista estava confuso diante daquela conversa.

— Mas um livro, o senhor pode comprar! — Nikolas comenta sem saber se fez uma pergunta ou uma afirmação.

— Aí está o problema: o livro não está à venda.

— Mas velhas edições são fáceis de encontrar e se estiverem sob domínio público, melhor ainda, até mesmo na internet, às vezes, pode ser encontrado. — Com este comentário, quem se surpreendeu foi Gutenberg, voltando uma xícara com alguma coisa que ia virando na boca. Como seu um motorista sabia que livros, depois de alguns anos, tornam-se domínio público? Mesmo sendo uma pessoa sem preconceitos, Gutenberg não estava acreditando no comentário de seu motorista, nunca tinha parado para lhe dar atenção, mas percebeu, pela primeira vez, nele uma pessoa esforçada.

— Deixa eu te contar uma coisa que você precisa saber antes de tudo. — Resolve falar Gutenberg. — Talvez o livro nunca tenha existido.

— Então, primeiro o senhor precisa descobrir se este livro existe ou não, e só depois o procura. É isso?

— Não, tenho que procurar e se ele existe, minha obrigação é encontrá-lo.

— Então, é só o senhor não encontrar e dizer que ele não existe. — Nikolas tenta dar uma solução.

— Mas a pessoa que me pediu este livro quer de qualquer maneira, não quer nem ouvir falar de sua não existência.

— E se não existir realmente? — Nikolas diz aborrecido com seu dispensável palpíte.

— Por isso é que eu não sei se torço pela sua existência, ou por ele nunca ter sido escrito. — Gutenberg fala com

cara séria, olhando no rosto do motorista.

— Mas, afinal, de quem é esse livro? Qual o título? De que ano é ele?

Essa quantidade toda de perguntas parece ter despertado Gutenberg para algo até então não percebido. “*Esse motorista está me saindo melhor do que eu esperava, ele não é bobo, ainda bem!*”. — Gutenberg ri.

— O livro é de um autor muito conhecido, não por seus livros, mas pelo que ele fez pela Alemanha: Adolf Hitler é o autor. — Diz Gutenberg esquecendo-se de seu café da manhã.

— *Minha Luta*, todo mundo conhece esse livro. — Nikolas interrompe feliz por crer que havia solucionado o problema do futuro presidente da Alemanha.

— Eu também pensei que seria *Minha Luta*, mas me enganei. — Diante de tudo isso, Gutenberg surpreendia-se ainda mais com o seu empregado. E percebe que está com uma pessoa bem mais útil do que apenas um motorista. E continua — O título talvez seja, se tiver título, *Os Próximos Mil Anos*. O ano não existe, pois nunca foi publicado, mas deve ter sido escrito de 1940 a 1944, ou 45, quando Hitler morreu. Ninguém me falou isso, esta é uma opinião própria, mas se ele escreveu o livro, queria publicá-lo, certo? Se não o publicou, foi por falta de tempo.

— Mas, durante a Segunda Guerra, isso seria impossível, ele teria muitas outras coisas para fazer, o senhor não acha?

— Vendo por esse lado, você pode ter razão, mas essa é

apenas a minha opinião, eu nem tinha pensado nesta possibilidade, deduzi sozinho, mas creio que tenha sido escrito antes deste período e tinha como objetivo mostrar os projetos para o mundo nos próximos mil anos se os nazistas saíssem vitoriosos da guerra. Na verdade, esse livro determinaria o que as pessoas deveriam fazer para agradar o seu chefe geral, Adolf Hitler. Seria uma espécie de doutrina escrita para todas as pessoas no mundo seguirem. Lembro que tudo que estou falando é opinião própria. Mas agora você já sabe, mais ou menos, o que temos para fazer aqui, vamos colocar em prática quanto antes, pois meu prazo é de menos de quarenta e oito horas. — Ele termina engolindo um pedaço de pão.

— Mas por onde começar? — Nikolas pergunta.

— Ligando para a minha secretária e avisando que preciso me ausentar por pelo menos um ou dois dias e ela que se vire para encontrar uma desculpa. — Ri da opção. — Mas, a você, eu pediria para que me fizesse um favor, enquanto eu falo com algumas pessoas pelo telefone, você entre na internet e veja todas as livrarias, sebos, museus, lojas de antiguidades e tudo quanto for lugar possível de encontrar esse livro.

“O problema é que parece não existir lugar possível para encontrar este livro”. — pensou Nikolas em fazer esse comentário, mas preferiu ficar calado e apenas concordar com o que tinha falado o patrão.

Nikolas estava achando-se uma pessoa importante, ninguém sabia, mas ele era o homem do futuro presidente, seria a quem Gutenberg, depois de eleito, recorreria

quando precisasse de ajuda, e isso o deixaria muito satisfeito. Sem dúvida, era a hora de ele mostrar sua competência intelectual. Tinha mais de 33 anos, apesar de trabalhar para ele desde os 22 anos. Nunca tivera uma oportunidade de se mostrar interessado na política. Mesmo formado em sociologia, trabalhava como motorista particular de um homem que, há poucos anos, apenas seu nome era cogitado para um dia ocupar o mais cobiçado cargo político do país.

No entanto, Gutenberg sempre foi um político popular e, quando chegou ao senado, muitos já o apontavam como o futuro presidente; para outros, eram apenas boatos de seus admiradores. Independentemente disso, Nikolas sabia, aquela era a única oportunidade de conviver e aprender com um dos mais importantes políticos do seu país e, com isso, aprenderia muito. Aos olhos do patrão, o motorista nunca passou de um empregado, jamais havia sido perguntado se era formado em alguma coisa, se sonhava em seguir alguma carreira, ou viver dirigindo carros pelo resto da vida.

Ele chegou a pensar em deixar aquele emprego, mas não tinha experiência em nada, apesar de sua formação acadêmica, não tinha reclamação alguma do patrão, pelo contrário, sempre o admirou. E falava que se um dia chegasse à política, seria igual a Gutenberg. Isso parecia a cada dia muito mais difícil, no entanto, ele nunca desistiu e, após o pedido de ajuda, começou a acreditar que sua hora tinha chegado, não jogaria sua chance fora por nada. Era inteligente, esforçado, estudioso, só não tinha certeza se

era talentoso politicamente, pois ainda não tinha vivido experiência política, mas, nas demais qualidades, ele sabia que era muito bom.

Talvez tivesse encontrado um emprego mais destacado, com o próprio senador, mas não queria. Como motorista, ouvia todo tipo de conversa das mais absurdas decisões às confidenciais. Estava sempre atento a todas as conversas por celulares ou pequenas reuniões que aconteciam ali mesmo, dentro do carro guiado por Nikolas. Enquanto o país, representado por jornalistas, corria atrás de informações importantes na vida dos habitantes, ele estava ali, sempre no lugar certo, descobrindo tudo e guardando consigo até a eternidade, se fosse preciso.

Após concluir o trabalho pedido pelo patrão, encontrar os nomes de todos os lugares prováveis de encontrar um livro antigo, Nikolas ficou na expectativa, esperando Gutenberg chegar e perguntar se ele teria terminado a tarefa. Ele disse que sim, e deixou Gutenberg todo feliz. O seu trabalho se resumiria basicamente em imprimir, a internet fazia quase tudo sozinha, assim ele via uma oportunidade de se mostrar competente, fazendo algo além. Nikolas conseguiu mapas de todos os lugares onde tinham o livro. No caso das livrarias, não tinham como ter todos os títulos nas prateleiras certas, mas, sobre os principais e mais antigos, dava para saber por telefone. Em alguns lugares, não era fácil, como nos sebos. Para não correrem o risco de perder tempo indo a lugares fechados, conseguiu todos os telefones.

— Está pronto, acabou com o que te pedi para fazer? —

Nikolas ouve a pergunta mais esperada.

— Já está tudo aqui. Tem... — Ia falar algo, mas foi interrompido por Gutenberg.

— No caminho, você me fala tudo, vamos, não temos tempo a perder, o problema é: por onde começar? E como vamos chegar nestes lugares? — Pergunta Nikolas.

— Verdade, eu estou na mídia o tempo todo, em qualquer lugar aonde eu chegar, neste país, todo mundo vai me reconhecer. Seria melhor arrumar um disfarce? Qual seria? Uma peruca? Chegando assim, sem nada, vai ser mais fácil, pois quem não deixaria o futuro presidente entrar seja lá onde for? Por outro lado, vai chamar a atenção de todo mundo, pois farão questão de saber o que desejo. E os meus adversários políticos adorariam isso. — Gutenberg fala como se esperasse uma solução da parte de Nikolas.

— O senhor pode tirar esse bigode, pintar o cabelo, ou usar uma peruca mesmo, acho que ficaria irreconhecível. — Essa foi única solução de Nikolas.

— É isso aí! Vamos para um salão fazer as minhas modificações.

— Mas se o senhor aparecer em qualquer salão, será reconhecido. — Nikolas não deixa Gutenberg concluir.

— Eu acho que devemos fazer o seguinte: o senhor não deve ir a nenhum lugar antes de fazer essa modificação. Eu compro a tinta, pinto o seu cabelo; o senhor tira o bigode e pronto, deve ser rápido e ainda se pode colocar um chapéu e uma roupa menos social: uma calça jeans e uma camisa

mais confortável e discreta. — Nikolas diz referindo-se àquele terno que ele usava. A sugestão foi logo aceita, pois Gutenberg não tinha outra opção.

Resolveram pôr em prática todo o planejado, não antes de o senador fazer um comentário:

— É, eu acho que encontrei um parceiro, certo?

Gutenberg fez esse comentário, mas não fazia ideia do quanto deixou Nikolas feliz, que olhou para ele e deu apenas um sorriso, como se estivesse dizendo “muito obrigado por falar isso”.

Capítulo 10

Sábado, EUA

— O avião irá aterrissar em poucos minutos. — Eles ouvem a voz de alguém que até então Michael não tinha escutado, mas suspeitava ser do piloto ou do copiloto. “*A aeronave se aproximava do curso final de sua viagem, ou seria o início?*”. — Michael falava sozinho, sem ter noção do que o aguardava.

Pelo menos, não estava preso. No entanto, isso não queria dizer se estava melhor ou pior, pois qualquer coisa poderia acontecer daquele momento em diante. A sua única certeza era de nunca ter matado ninguém.

“As pessoas devem estar dizendo que se eu fosse inocente, estaria lá e não me escondendo como um criminoso, pois quem não deve de nada tem medo. Provavelmente, este é o pensamento de todo mundo, pois se eu estava brigado com meu pai, hospedado no mesmo hotel, e ele aparece morto, é muito estranho mesmo. Quer saber? Essa história é muito difícil de acreditar, se me contasse, eu jamais acreditaria”. — Michael pensa, enquanto o avião aterrissa.

Uma BMW o esperava no Santos Dumont, aeroporto no centro da cidade do Rio de Janeiro. E, para surpresa dele, o

companheiro de viagem, Yan, nem chegou a desembarcar, apenas lhe desejou boa sorte, apertou a sua mão e deu um tchau. A permanência dele no avião deixou Michael muito mais inseguro agora.

— Vem! — Diz um senhor bem educado e idoso. Após sair do avião, ele entra diretamente no carro, sem ter tempo de observar nada ao seu redor. E, desta vez, não faz perguntas, pois o seu português era horrível, as únicas palavras que sabia aprendera em suas poucas viagens a Portugal. E, com certeza, aquele motorista não entenderia nada em inglês, então preferiu esperar, se o homem quisesse, que puxe alguma conversa.

Nem a beleza ainda noturna do Aterro do Flamengo o fez relaxar, pois o que apareceu na sua vida nas últimas horas era inacreditável. Há pouco tempo, estava nos Estados Unidos; agora, no Brasil, e onde estaria em instantes? Michael não parava de pensar.

— Que lugar lindo, deve ser muito bom passar férias aqui! — Fala dentro do carro com um displicente olhar para o Monumento Nacional, em homenagem aos pracinhas mortos na II Guerra Mundial. Do outro lado, só viam-se prédios residenciais. E fez mais um comentário íntimo. — Queria morar aqui, deve ser muito bom. — A BMW chegava ao finalzinho do Aterro, em Botafogo.

E voltando à realidade, pensa:

“Não é hora de ficar pensando em nada disso. Eu preciso é descobrir como sobreviver a esta situação, isto é, se for possível. Estou angustiado sem saber para aonde estou indo, meu Deus, o que acontecerá comigo? É, a coisa

está feia mesmo, quase nunca falo com Deus, não sou nada religioso, mas o desespero apronta cada uma, quem diria, eu esperando por Deus para fazer algo por mim, pois sempre fiz tudo sem a ajuda Dele, a vida nos prega cada peça”. — Deu um riso irônico, e completou. — “Seja feita sua vontade”.

Depois de passar o túnel Engenheiro Coelho Cintra, chegou a Copacabana. Apesar de seu português se negar a ajudar, ele viu uma placa de identificação e localização em que conseguiu ler o nome do bairro mais famoso do Brasil. Um dos melhores *réveillons* do mundo, é uma pena não ser fim de ano.

— Eu aproveitaria e passaria o ano novo aqui. — Michael disse se esquecendo de todos os problemas. — Não posso reclamar de nada, estou fazendo uma *city tour*, é bem melhor que estar preso. — Comparou, tentado animar-se.

Mesmo de longe, vê o Cristo Redentor e lembra-se de mais uma maravilha carioca, e isso mostrou que tinha mais conhecimento sobre o Brasil do que imaginara: Copacabana, Cristo Redentor, e Maracanã, mesmo não sendo muito ligado a futebol.

— Já conheci Copacabana e o Cristo Redentor? Olha só! Cheguei agora, e vi dois dos principais cartões postais do Brasil, realmente é uma viagem turística. — Brincou.

Ipanema já estava ficando para trás, pegando agora a Niemeyer, ele ficou maravilhado com tanta beleza diante de seus olhos. Da estrada que cortava a montanha, vendo apenas o mar lá embaixo, sentiu uma sensação de

liberdade. Baixou o vidro traseiro do lado esquerdo do carro.

— Quem diria? Tantas belezas em uma mesma cidade! Agora entendo o motivo de a chamarem de maravilhosa e ainda estão faltando às mulheres. Isso, sim, deve ser mais maravilhoso!

Naquele momento, o carro diminuiu a velocidade e entrou numa garagem de um prédio residencial e ele interrompeu seus pensamentos sem noção.

— Por aqui. — Disse, em um inglês inconfundível, o motorista. Ficou surpreso, e irritado pelo tempo perdido pensando bobagens, em vez de aprender sobre a Cidade Maravilhosa com o guia do carro, no entanto, era tarde demais. Andaram no subsolo até chegarem a um elevador na garagem. O motorista à frente foi seguido por Michael, eles entraram no elevador e subiram. Àquela hora, a circulação de moradores era a menor possível, e subiram sozinhos. Para Michael, pareceu ser a viagem mais longa de todas. Deu tempo de pensar nas possíveis e nas mais improváveis e idiotas possibilidades que lhe poderiam acontecer.

“Serei morto? Não dentro de um apartamento. Torturado para falar algo? Mas não sei de segredo algum. Vou precisar matar uma pessoa? Isso seria muita idiotice de alguém. Uma mulher muito boa me espera para realizar uma fantasia sexual? Não, seria mais fácil ela ir ao meu encontro. É meu aniversário e resolveram fazer esta surpresa? Mas estamos em setembro, e faço aniversário em abril. Este senhor é gay e me quer tanto assim? Impossível,

*image
not
available*

Capítulo 11

Alemanha

Agora dentro do carro, disfarçados, conversam:

— Quem diria, eu, o futuro presidente deste país, passando por isso tudo. Um dia, quando eu contar, ninguém vai acreditar nisso.

— Eu confirmo. — Nikolas diz rindo.

— Nem pense nisso, você não pode contar isso para ninguém e caso eu esteja contando e você ouvir, continue ouvindo e calado. Entretanto, se as pessoas começarem a acreditar, procure um jeito de dizer que sou um mentiroso, contador de histórias. — Gutenberg termina dando uma risada extravagante para o seu perfil.

— Por onde vamos começar? Já estou caracterizado, como você me pediu. Poderia ser uma roupa menos classe baixa. — O futuro presidente fala se olhando de cima a baixo, apesar de estar sentado no banco do carona.

— Eu, durante a pesquisa, consegui descobrir esses lugares onde poderia estar o livro. — Disse Nikolas mostrando o papel em que constavam todos os lugares em sua concepção possível. — Mas tem uma coisa que não tinha pensado antes. — Mentiu Nikolas que já tinha essa ideia desde o primeiro momento. — No entanto, durante a

*image
not
available*

Capítulo 13

Alemanha

Se por um lado, Gutenberg estava feliz, pois se livraria de um pesadelo que há muitos anos o perseguia incansavelmente; por outro, era inegável seu medo, pois, quando alguma coisa desse errado, a quem recorreria? Como viver sem aquelas insuportáveis ligações? Nunca tinha pensado nesta possibilidade antes, aquela pessoa o ajudou em muitos casos sem saída. Praticamente todos os seus sonhos e objetivos pessoais, dentro ou fora da política, foram conseguidos com a ajuda deste desconhecido aliado. Parecia assustador nunca tê-lo conhecido pessoalmente. *“Para quê, se tenho muito além do necessário, enquanto muita gente não tem nada? O problema vai ser o fim de toda essa moleza”*.

— Está bem, pode mandar, o que tenho que fazer nessa minha última missão? Espero ser possível de realizar.

— Na verdade, eu quero que você faça e depois me entregue. Quando encontrar o livro, ou uma boa resposta que justifique não tê-lo conseguido, você vai aos Estados Unidos e me encontrará num endereço, o qual, para você não se preocupar sem necessidade, só passarei quando chegar o momento. Esse é o meu último contato até você

admiração e tietagem.

— Que isso, não acredito que estou dentro de uma casa, como é possível alguém morar em uma casa tão grande assim? — Gutenberg fala, como se lamentasse, ou invejasse.

— É verdade! Eu nem sei como descrever uma casa como esta, não sabia que ser escritor dava tanto dinheiro assim! — Completa Nikolas.

— Ser escritor dá dinheiro se for igual a Hans Max, mas até onde eu sei, nenhum escritor, em qualquer lugar do mundo, vendeu tanto.

— Nem a Bíblia Sagrada vendeu igual a ele? — Pergunta Nikolas em tom de brincadeira.

— Eu vou ser sincero com você, se juntar o tempo em que vem sendo vendida a Bíblia e dividir para os seus devidos autores, eu não sei quem ganharia. — Gutenberg termina brincando.

— Realmente, ele vende como ninguém.

Eles estavam tão impressionados com o que estavam vendo que falavam de qualquer assunto menos o principal, que era procurar o que realmente interessava: o dito livro desconhecido. Por um momento, Gutenberg começou a analisar se o que eles estavam procurando fazia sentido, se o cara do telefone estava procurando um livro, deveria ser algo muito importante, logo, só poderia ser de Hans Max. *O cara pegaria o livro e lançaria como se fosse dele?* Esses pensamentos surgiram na cabeça de Gutenberg, enquanto Nikolas ainda continuava observando os objetos que ele

não sabia se eram para decoração da casa, ou tinham outra utilidade.

As ideias que Gutenberg tivera há pouco, sobre um possível roubo de uma obra, deixa de fazer sentido quando ele não conseguiu ligar uma coisa com outra. E começa a concluir que talvez Hans Max só vendesse muitos livros porque já tinha nome, uma obra de um escritor famoso, se fosse escrita por ele, mas sem o nome do verdadeiro autor, dificilmente venderia muito.

— Você já leu alguns livros dele? — Pergunta Gutenberg a um displicente Nikolas.

— Já. Eu acho que li todos os seus livros.

— São bons mesmo, ou só vendem porque é dele?

— A minha opinião é a seguinte, — fala um empolgado Nikolas — eu acho que é pelas duas coisas. Um livro se vende pelo gênero. Se você gosta de ficção, vai ler ficção; se gosta de romance histórico, vai ler romance histórico; se gosta de religiosos, vai ler livros religiosos, e assim por diante, mesmo sem conhecer o autor. E têm os que leem o autor, mesmo a obra sendo horrível. Eles têm um grande público fiel, e estes compram sem ao menos ouvir comentários.

— Mas por qual dos dois motivos ele vende tanto assim?

— Interrompe Gutenberg antes de Nikolas concluir.

— Exatamente neste ponto que Hans Max faz a diferença entre os outros escritores, pois ele tem os dois: um público fiel, e escreve todos os gêneros, para todos os gostos. Muitas pessoas só compram os seus livros por ser

dele. As obras de Hans Max, para muitos, é sinônimo de intelectualidade; outros que não gostam compram apenas para se encaixarem na turma dos falsos intelectuais.

— Você está me falando que tem gente que compra só para deixar na estante em um lugar de destaque e não lê?

— Mas eu não tenho a menor dúvida de que isso acontece! Preste atenção, a partir de agora, na estante de qualquer pessoa que tenha uma biblioteca particular em casa, veja quais são os livros de destaque e depois o senhor me fala.

Depois de pensar um pouco, talvez tentando lembrar-se das bibliotecas particulares de seus amigos, ele responde:

— É verdade, todo mundo tem os livros dele em um lugar que seja possível ser visto. E se alguém conseguisse um livro dele antes de ser lançado, o registrasse e lançasse, será que venderia tanto quanto o próprio? — Gutenberg pergunta, na verdade, pedindo a opinião de Nikolas.

— Neste caso, é o que eu acabei de falar. Se o autor não for famoso, não vai vender nem perto do que venderia Hans Max. Mesmo o livro sendo ótimo, as pessoas são muito influenciadas pela mídia, e todas as pessoas aprenderam que os livros de Hans Max são excelentes. Porém, nem percebem que a assinatura dele é o que realmente determina o valor e a qualidade do livro.

— Neste ponto, você tem razão. As pessoas não compram o conteúdo, compram o nome do autor. — Concorda Gutenberg.

Depois desta conversa com Nikolas, Gutenberg descarta

a possibilidade de roubo de um livro para se promover popularmente. Se esse cara que o perseguia há muito tempo quisesse se promover, ele teria muitos outros meios. Dinheiro, aparentemente, não seria problema. Se tinha capacidade de elegê-lo presidente da Alemanha, e isso estava cada vez mais próximo de se realizar, imagine o que poderia fazer por ele mesmo. Porém, não adiantaria ele tentar adivinhar o que pretendia aquele cara. O melhor era continuar sua busca, sem contestação. Desde seus primeiros contatos, tentou saber o desejo de seu orientador e até agora nada descobriu e a cada tentativa em descobrir só se cansava, e esta não era hora para estresse.

— Meu querido Nikolas, eu não sei se comemoro por estarmos aqui, ou fico triste por saber que essa casa é tão grande e estamos perdidos dentro dela.

— O pior é que eu concordo com o senhor. Por onde devemos começar?

— Se você não me faz esta pergunta, eu iria te fazer agora. Por onde começar? Só sei que precisamos começar o quanto antes, — continua Gutenberg — você não acha?

Capítulo 24

Sábado, EUA

Quando Charles chegou ao local onde tinha acontecido o crime, ele viu o corpo na mesma posição que havia deixado desde a última vez que esteve ali, mas também não fazia muito tempo assim. Apesar de já ter visto muitas coisas em sua vida, pessoas mortas não lhe comoviam, mas aquele corpo não era de uma pessoa qualquer. Era do pai do seu melhor amigo e não se passava outra coisa em sua cabeça além de como estaria se sentindo Michael, onde ele estaria agora e fazendo o quê. E até quando ele conseguiria ficar fugindo sem nenhuma culpa? Mas agora era tarde e a polícia poderia prendê-lo a qualquer momento. Charles conhecia bem a eficiência da polícia americana e ainda não havia o prendido, porque talvez ele estivesse encarregado disso e não iria desfazer o trato com o amigo.

Ali, diante dos policiais, Charles, depois de cumprimentá-los, pergunta se já tinham noção do que havia acontecido.

— Já chegou à alguma conclusão? — Pergunta ao perito responsável pela equipe que realizava o trabalho de investigação científica.

— Praticamente concluído, mas também não tem

segredo. Desde quando cheguei aqui, pude perceber e, com análise da perícia, tive certeza. Não se trata de uma pessoa qualquer e o indivíduo sabia muito bem o que estava fazendo.

— Como assim?

— Pelo que podemos perceber até agora, mesmo que uma pessoa usasse uma arma, seja de baixo calibre ou não, e por menos ruído que seja liberado por essas paredes, seria impossível alguém não ouvir nada, nem ao menos um pequeno barulho de tiro. E os funcionários, os vizinhos de quarto do mesmo andar, e também os vizinhos do andar de baixo ouviriam de alguma forma.

— Mas e se alguém ouviu e não quer falar?

— Isso o senhor é quem vai descobrir. Apesar de eu acreditar que se alguém tivesse ouvido qualquer coisa, já teria falado, o senhor não acha? — Pergunta Allan Jack, um incessante policial aposentado, pegando Michael meio de surpresa.

— É, pode ser. Mas, pelo que conheço, é meio difícil alguém vir sozinho falar alguma coisa, mesmo tendo visto ou ouvido algo, principalmente aqui, lugar que só tem gente com dinheiro e essas pessoas são muito discretas, não gostam de aparecer. Acho que só vão depor se forem intimadas mesmo, e se alguma quiser depor sem intimação, não vai falar muita coisa não, é uma opinião. — Michael ressalta.

— Se você está falando... Pelo que estou vendo, você vai ter muito trabalho e tem mais, como já falei, a pessoa entedia muito bem de armamento, deu apenas um tiro, e

foi o suficiente para acabar com a vida do escritor, pois não encontramos mais nenhum vestígio de bala nas paredes.

— Há, por exemplo, — o gerente não sabe como fazer a pergunta — Charles, — Seam pensa um pouco e conclui — algum vestígio de reação de briga, a possibilidade de ele ter visto o seu assassino antes e tentado reagir de alguma forma?

— A televisão ligada em alto volume é prova de que ele não falou com o seu assassino, ou talvez o assassino, esperto, tenha pensado nisso. Mas vamos fazer uma perícia em todos os lugares, desde os controles remotos até as paredes. Porém, pela minha experiência, isso não ajudará muito, a não ser que um dos hóspedes seja o criminoso.

— Poderia ter sido alguém conhecido que veio aqui dizendo que queria apenas conversar com ele? — Michael faz essa pergunta, mas nem poderia, afinal, essa pergunta ele é quem deveria responder.

— Essa seria uma alternativa para se entrar aqui, mas todos que entraram aqui têm registro na portaria hotel. Os resultados finais da perícia, creio eu, vão terminar revelando toda a verdade, ou seja, o que as pessoas estão falando pode fazer todo o sentido.

— O que as pessoas estão falando? — Michael tenta se fazer de inocente.

— O filho dele pode ter sido o assassino, tem coisa mais óbvia? Quem além dele teria a intimidade de entrar aqui e conversar com Hans Max?

— Não sei. Ele tinha tantos conhecidos pelo mundo... As

peças falam muito sem saber o que estão dizendo, sempre influenciadas pela divulgação da imprensa.

— Mas, segundo o hotel, não entrou ninguém. Para entrar, precisa passar pela recepção, e não consta nos registros a entrada de alguém disposto a visitá-lo durante sua última estadia no local.

— Então é mesmo muito provável que tenha sido uma pessoa hospedada ou um dos funcionários, não descarto nada.

— Em sua opinião, esse crime já havia sido premeditado?

— Vou lhe ser sincero, sim. Talvez a pessoa tenha planejado há muito tempo e, ao saber de sua vinda aos Estados Unidos, sabia muito bem o hotel onde ele se hospedaria, e quem sabe o indivíduo hospedou-se antes dele.

— Mas o que leva o senhor a crer nisso? — Michael parecia estar interrogando o perito, e este, sem preocupação, lhe respondia convicto, mesmo sabendo ainda ser muito cedo para se chegar a alguma conclusão.

— Com muitos anos de experiência, a gente aprende e você sabe muito bem disso, — dá uma meia risada Jack — seria muito difícil para alguém, de uma hora pra outra, arrumar uma confusão ou um problema que leve um indivíduo tirar a vida de outro, em especial uma pessoa bastante conhecida, estou falando do grande escritor Hans Max, — faz questão de lembrar — principalmente dentro de um hotel, onde chamaria a atenção de quem estivesse aqui e ao que me consta isso não aconteceu. Você não acha?

— Sim, é verdade. Ninguém tomaria uma decisão destas em uma viagem aos Estados Unidos, de uma hora para outra. Mas alguém poderia ter entrado no hotel escondido, talvez disfarçado de um funcionário, algo deste tipo?

— Com certeza — afirma Jack — e este pensamento mostra a minha razão em afirmar a premeditação do crime.

— As fitas das câmeras de segurança poderão ajudar nisso. O hotel tinha câmeras de segurança ou pelo menos mostrava que tinha, só não sei se funcionavam. — Afirma Michael.

— Tinha, porém, vou deixar por último para verificar, mas, por nossa experiência, acho que não devemos ter muita esperança.

Meio sem entender o porquê do comentário, Michael pergunta:

— Mas por que não devemos ter muitas esperanças? Pois, se havia câmeras de segurança, todo movimento fora do comum com certeza foi filmado, pelo o menos é o que eu espero.

Sem a menor preocupação com a alteração do tom de voz de Michael, Jack responde friamente:

— Se o crime foi premeditado, como acredito, o assassino deve ter pensado em todos os detalhes, desde em deixar a televisão em volume alto até na segurança. Tudo isso foi pensado com muito cuidado e é por esta razão que digo que não devemos depositar todas as esperanças nessas fitas.

— Bem, isso é verdade. Mas será que uma pessoa é tão inteligente assim para pensar em tudo isso?

— Sim, com certeza, pode. Em um programa de televisão, não existe crime perfeito, mas eu acho que há. E estou com medo deste ser um.

— Eu assisto ao programa, e sou do tipo dos produtores, eu acho que não existe crime perfeito. O assassino sempre deixa alguma pista.

— Tomara que você esteja certo, mas está complicado.

— Até que ponto você acredita no envolvimento do filho dele em seu assassinato? — Michael quis saber a opinião de Jack, pois talvez o pensamento dele representasse o de todos os outros americanos fora dali.

— Olha, você quer saber cientificamente ou pessoal?

— As duas, se for possível?

— Eu vou te responder em duas partes, pois tenho uma opinião pessoal e outra policial. Creio, sinceramente, isso é uma opinião bem particular, não levarei a sério nas investigações, — fez questão de frisar Jack — que o filho dele não o matou, mas a minha profissão me faz acreditar no seguinte, por mais inofensivo que possa parecer a pior das criaturas, nunca podemos menosprezá-las, afinal, este falso inútil pode ser da pior espécie.

— Mas quando eu entrei aqui e comecei a conversar com você, quem visse diria que você estava convicto do envolvimento do filho dele no assassinato. — Fala Charles.

— É o que te falei, eu tenho minha opinião, mas preciso deixar transparecer a minha opinião de policial, e fiz isso

muito bem.

— Mas o que te leva, pessoalmente, a acreditar na inocência do filho dele, onde todos os indícios levam a esta direção?

— Minha convicção, Charles, eu não te falei, mas talvez os anos que você tenha de vida, eu quase tenho de investigações e perícias, e olha não foram poucas, meu querido — completa, Jack.

— Mas essas duas opiniões não te atrapalham na hora de tomar alguma decisão?

— Não, porque só tomo uma decisão quando realmente não tenho mais dúvida alguma. E até agora você falou que todos os indícios levam ao filho dele e isso não é verdade, é apenas a opinião pública e você está se deixando levar por ela.

Charles não sabia se ficava feliz por saber que, no final, tudo daria certo, pois Michael não tinha cometido crime, então não precisava se preocupar, ou se ficava triste por seu amigo estar correndo o risco de ser condenado, mesmo sendo inocente, pois o motivo de Jack não ter dúvida de uma coisa não queria dizer ser esta a verdadeira.

— Mas o senhor, durante sua vida de polícia, já tomou alguma decisão policial, contrariando a sua pessoal?

— Já. Já fui obrigado a condenar pessoas sabendo que eram inocentes, pois todas as provas apontavam na sua direção, mas eu sabia que elas não eram culpadas, quer dizer, condenar entre aspas, eu apenas assino as provas.

— E isso não fez pesar a sua consciência?

— Nossa profissão nos cobra e devemos sempre dar uma resposta à sociedade, custe o que custar, mesmo o custo sendo a condenação de um inocente. Hoje eu não faria mais isso, mas já fiz. As provas existem, mas podem ser manipuladas e quando se precisa encontrar um culpado, nós temos que encontrar e provar.

Charles agora sentia um friozinho na barriga, e teve certeza, o seu amigo, inocentemente, poderia ser condenado por aquele policial que há muito tempo já havia se aposentado, mas quando acontecia algo bastante grave, as autoridades o chamavam para dar credibilidade ao caso, pois, em toda a sua vida, tinha um grande histórico. Ele conquistou muito espaço em investigações que pareciam impossíveis de resolver e ele foi capaz de descobrir todos os casos sem a menor dúvida e sem a contestação de alguém. Agora Charles estava certo, muitos inocentes talvez tenham sido condenados por falsas provas, advogados perdidos por horas, tentando descobrir como o seu cliente tinha sido condenado, e isso trazia bastante medo.

— Mas, com relação a este caso, mesmo o senhor acreditando em sua inocência, poderia condená-lo?

— Na verdade, eu, ou melhor, nós não condenamos ninguém. Apenas encontramos provas e a justiça decide, baseada nelas, quem é inocente ou não. E este caso eu nem estou fazendo nada, afinal, desde minha aposentadoria, essas investigações são para mostrar serviço, mas eu não faço nada, além de tirar dúvida de alguém. Não esqueça o que te falei há pouco, se eu já condenei inocentes, ou melhor, se inocentes já foram condenados por eu ter

encontrado provas, às vezes, falsas, foi para dar resposta a alguém, o para a sociedade, mas não faço mais isso. Pode ter certeza de que se seu amigo for inocente, ele não será condenado, claro, se depender de mim.

— Mas se depender do senhor para as provas aparecerem, mesmo sabendo que Michael é inocente, o senhor vai prendê-lo? — Charles faz a mesma pergunta com mais detalhes para ver se Jack lhe respondia da forma desejada.

— Primeiro vamos esclarecer as coisas: eu não sei se ele é inocente ou não, apenas tenho minhas convicções. Só garanto uma coisa: este caso vai ser resolvido de uma forma ou de outra, e o mais rápido possível a sociedade vai ter uma resposta.

— Eu também espero!

— Com licença, qualquer dúvida, eu estarei aqui. — Allan Jack sai.

Quando Jack saiu, Charles não acreditou. O motivo de terem chamado Jack para as investigações o deixou amedrontado.

“E agora o que vou fazer? Era melhor ter prendido Michael, estaria fazendo o que ele fez: prender inocente” — pensa mais uma vez — *“e se ele descobre o que fiz? É melhor ficar perto deste sujeito e começar a observar os seus procedimentos e dar um jeito de esconder algo capaz de me incriminar”*.

Capítulo 25

Alemanha

Ainda andando por dentro de casa, eles pareciam perdidos e pasmos diante de tantas coisas impressionantes que encontravam pela frente. Tudo era motivo de admiração, desde o teto ao piso da casa, passando pelas paredes, era, para eles, uma perfeição absurda. Quartos, salas, copas e cozinha, tudo exageradamente espaçoso. Os cômodos da casa, móveis de decoração, antiguidades e tantos objetos que eles não imaginavam qual utilidade teriam. Tanta admiração, por momentos, chegou a fazê-los esquecer de onde estavam. Nada ali dentro os interessava em alguma coisa, caso não encontrassem o livro tão desejando.

— Eu já sei por onde começarmos, Nikolas. — Diz Gutenberg de volta à realidade.

— Por onde?

— Precisamos encontrar o escritório. As pessoas guardam os objetos de valor no escritório, você não acha?

— É, mas onde deve ficar o escritório desta casa? Se tiver mais de um, teremos dois lugares a mais.

— Eu acredito que não tenha mais de um escritório, e se tiver, deve ser um dele e um do filho, mas só precisamos

procurar no dele.

— Verdade. — Concorde Nikolas.

— Então vamos ao escritório. Você faz ideia de que lugar deve ficar? — Mais uma vez Gutenberg pergunta.

— Não sei, mas deve ficar no último andar. Vamos lá checar?

— Eu também pensei nisso, vamos lá.

Enquanto subiam as escadas em direção ao segundo andar, eles se deparavam com mais novidades. A cada passo dado era difícil passar sem se deixar impressionar com tantas maravilhas, no entanto, não poderiam perder tempo. Subiram sem comentarem nada, como se já soubessem onde estavam indo, com Nikolas sempre à frente de Gutenberg. A longos passos, chegaram ao último andar. Em frente à porta, Gutenberg olhava para Nikolas, que só retribuía o idêntico olhar, mas ninguém falava nada. Talvez por não terem nada a dizer, pois o que quer que fossem encontrar ali atrás daquela porta, só saberiam quando abrissem. Uma grande porta para proteger uma fortaleza gigante, era isso que se passava na cabeça deles. Uma preciosidade estava ali, protegida diante de tanta segurança.

— É, meu caro Nikolas, parece que estamos no caminho certo. O único problema é que não parece ser fácil ultrapassar essa porta.

— Aparentemente não, mas para quem chegou até aqui, passando por onde passamos, não poderemos considerar nada como obstáculo impossível. — Nikolas responde

tentando ser um pouco mais otimista.

Gutenberg olha mais uma vez da porta na direção de Nikolas com uma cara desanimada, como que perguntasse até onde aquilo valeria a pena e até onde precisariam chegar e dar fim a todos os sofrimentos e humilhações. Ninguém tinha visto, mas ele, quem sabe, não precisaria nunca passar por tudo aquilo antes de conseguir realizar um sonho de muitos anos. Ficou meio triste, paralisado e com vontade de desistir, apesar de ter passado por muitas coisas difíceis durante toda sua vida e nunca ter desistido de nada a ponto de esperar o momento certo para candidatar-se à presidência da Alemanha. Percebendo um aparente desânimo em Gutenberg, Nikolas resolve agir para não ver o fim de sua carreira, antes mesmo de começar.

— Vamos entrar?

— Se for possível, sim. — Diz desanimado.

Nikolas encosta as mãos na porta para tentar sentir o quanto estava bem fechada e ficou surpreso de ver que ela estava apenas encostada, abrindo facilmente para a felicidade dos dois.

— Que coisa! Nós pensando o que deveríamos fazer para nos livrarmos desta porta e ela aí, coitada, tão inofensiva!
— Fala bem mais animado Gutenberg.

— É verdade! Que bom! Não precisamos nos esforçar para nada. — Completa um feliz Nikolas.

Dentro do escritório, não restavam dúvidas: era mesmo de Hans Max. Grande, cheio de prateleiras nas paredes,

muitos títulos e certificados de cursos, e o que eles não haviam imaginado, mesmo parecendo óbvio: uma quantidade enorme de livros que iam desde títulos bastante conhecidos a muitos que eles nunca ouviram falar. Vai ver, são livros de pessoas que escreveram e nunca tiveram a chance de fazer sucesso como ele, e lhe entregavam para tentar uma oportunidade vinda do grande escritor.

Uma sala aparentemente bem confortável, uma mesa onde, provavelmente, ele poria em livro suas ideias, e estantes completas de livros pareciam infinitas, pelo menos três computadores e muitas outras coisas. Tudo nem tão bem cuidado como se fosse um lugar pouco frequentado por empregados ou zeladores da casa, mas muito limpo. O que deixava aparente a ausência de empregados era a grande quantidade de papéis espalhados por todos os cantos do escritório.

— Chegamos ao lugar de onde talvez, ao sairmos, estejamos completamente livres.

Nikolas não entendeu do que eles estariam livres, pois nunca se prendeu a ninguém, nem mesmo a Gutenberg. O melhor, no momento, foi fingir ter entendido tudo e afirmar positivamente com a cabeça, sem dizer nada.

— O único problema é que temos que nos virar aqui dentro, e confesso: se precisarmos sair daqui sem resolver tudo, desisto.

— Mas deve ser aqui, não vejo como ser em outro lugar. Se ele guardou alguma coisa preciosa, foi aqui. — Nikolas tenta mais uma vez animar seu chefe.

— Depois de passar por tudo que passamos, já pensou se estivermos no lugar errado? — Gutenberg diz isso, mas como se estivesse brincando com a certeza que tinha de estar no lugar certo.

No fundo, Nikolas tinha medo de estarem no lugar errado, não por ele, mas pela decepção de Gutenberg. Caso esses pensamentos se concretizassem, como ele reagiria? Como convencê-lo a não desistir? Mas, no momento, só podia torcer para tudo dar certo. Mesmo assim, ele resolveu dar um voto de confiança em sua intuição, que estava lhe dizendo: as coisas dariam certo. Quando tudo parecia está correndo como esperava, por alguns momentos, eles não conseguiam pensar em nada, nem em que estavam fazendo ali diante dos fatos acontecidos até aquele momento. Quando o telefone de Gutenberg toca, despertando-os para a realidade, ele olha e, sem dúvida já sabia quem era. Porém, o que teria aquela pessoa a dizer?

Capítulo 26

Sábado, Brasil

Depois de certos do caminho que seguiriam, eles vão por onde o senhor havia falado, porém, não tinham certeza se aquele homem estava falando a verdade. No entanto, por não terem outra escolha, resolveram confiar. Tudo naquele lugar parecia impressionar pela criatividade daqueles moradores. Casas que aparentavam não aguentar nem um telhado com duas ou três casas por cima, coladas umas nas outras, coloridas quando pintadas. As pessoas pareciam não dar muita importância por fora das residências, por dentro, quando dava para ver, eram bem cuidadas.

Uma casa estreita, com dois andares, pintada de amarelo, escrito com letras pretas: “Associação de Moradores da Rocinha”. Era tudo o que eles queriam encontrar. Quase não andaram, para surpresa dos dois que pensavam ter muito trabalho, mas exatamente como havia falado o senhor Carlito, chegaram ainda a tempo de estar aberto. Eles ficaram olhando, quase na calçada, para o pequeno prédio ali à frente deles, talvez não acreditando que tudo estava dando tão certo. Em poucos minutos, eles dariam início ao seu principal desejo.

— Vamos ao que interessa, não temos muito tempo a perder! — Essas foram as palavras de Johan depois de olhar para Michael, que parecia pasmo diante de tantas coisas esquisitas no mesmo lugar.

— É verdade, eu estou até curioso para saber como são estas casas por dentro, apesar da associação não ser uma casa residencial, não deve ser muito diferente das demais.

Sem falar mais nada um para o outro, caminharam e chegaram à porta, ainda aberta.

— Boa tarde, senhora. Meu nome é Johan. Eu poderia conversar com a senhora? — Meio instantâneo e parecendo decorado, Johan só tinha estas palavras, e não sabia se chegava com uma cara de muito sério ou de um pouco mais alegre para se familiarizar com a mulher sentada atrás de uma mesa, numa cadeira parecendo estar em um pequeno escritório.

A mulher ficou meio surpresa por ver aqueles dois com cara de assustados ou de indiferença, mas ela não fez questão de se importar com o jeito que eles falaram.

— Boa tarde! Eu sou Veronica, como posso ajudar vocês? Se é que posso. — Após a mulher falar, eles ficaram mais aliviados, pois perceberam logo a simpatia na voz dela.

— Com certeza, a senhora pode nos ajudar, acredito eu. Desculpe-me, este aqui é o Michael, esqueci-me de apresentá-lo, ele não fala português, é alemão. — Johan se sente na obrigação de se redimir por não ter apresentado logo Michael para aquela simpática mulher.

A senhora, que aparentava ter cerca de 30 anos, era de

uma gentileza indiscutível. Pediu para eles sentarem, perguntou se queriam beber alguma coisa. Foi uma recepção muito mais amigável do que poderiam imaginar dentro de uma favela, sem nunca ter noção dos habitantes deste lugar. Pensavam encontrar apenas pessoas ignorantes, estressadas, aborrecidas e tudo quanto fosse desagradável, menos gente simpática e educada como aquela. Com isto, mais uma ideia preconceituosa deles acabou de ser derrubada.

— Não, senhora não quer nada disso, a gente só quer, se for possível, algumas informações.

— Primeiro, vamos acabar com este negócio de senhora, não aparento ser mais nova do que você? — Ela tenta os deixar mais à vontade, pois fala quase rindo.

— Você é quem manda — Retribui a gentileza Johan, chamando-a de você.

— Bem melhor assim.

Michael estava calado desde quando chegou, de olho em todos os detalhes das paredes, olhando os quadros de pintura, mas ele não conseguia identificar de quem eram, muitas correspondências em cima da mesa, que ele acreditava ser de moradores residentes em lugares de difícil acesso, uma escada, provavelmente, que dava acesso ao próximo andar.

O local tinha mais de um cômodo, porém, não dava para saber exatamente quantos, mas dava para ver era pintado de um amarelo que ele julgou de muito mau gosto.

— Então, em que posso ajudar você? — Veronica pergunta.

— Nós somos pesquisadores e estamos tentando descobrir evidências de alemães que, provavelmente, estiveram aqui em outras épocas. — Johan quis ir direto ao ponto, porém, sem citar exatamente o nome do alemão que ele desejava informações.

— É, meus queridos, aqui nós ouvimos falar de tantas pessoas fundadoras desta comunidade, mas não sabemos quem exatamente foi o primeiro a chegar aqui, o mais provável é que tenham sido os portugueses e os espanhóis.

— Mas você já ouviu falar que alemães também passaram por aqui? — Johan fica meio surpreso com o comentário.

— Algumas pessoas comentam isso, mas eu creio mais que foram os espanhóis ou portugueses, só não posso afirmar nada, nunca estudei sobre isso, é apenas uma opinião de uma simples moradora.

A conversa parecia não estar dando resultado. Pelo contrário, muito desanimadora, a mulher tinha boa vontade, porém, muito desinteressante, não estava levando a lugar algum. Toda a conversa com ela estava sendo traduzida para Michael que assim como Johan, demonstrava desânimo, pois haviam apostado tanto na chegada aquele lugar para absolutamente nada. Johan, em seus pensamentos, começou a pensar na provável volta ao senhor que havia dado algumas informações. Quem sabe ele poderia ajudar muito mais. Tudo parecia estar perdido, mas uma palavra falada por Veronica os desperta para uma pequena observação.

— Eu já falei, não sei muita coisa de interesse de vocês,

mas tem uma pessoa que provavelmente possa ajudar.

— Quem é? Você pode nos falar o nome desta pessoa? — Após ouvir o que Veronica tinha dito, ele se anima um pouco mais.

— Posso sim. É o seu Benjamin, uma ótima pessoa, você irá gostar muito dele. Ele adora falar sobre estas coisas do passado. Na verdade, ele foi professor de história aqui na comunidade, mas se aposentou e quando encontra alguém que dê ouvidos as suas histórias e teses, ele fica, se for possível, o dia e a noite.

Descobrir uma pessoa com essas características era bom. Melhor ainda era saber que esta pessoa era o Benjamin, morador citado pelo seu Carlito, a primeira pessoa com quem conversaram, e Johan ficou muito mais animado.

Os dois estavam muito animados, pois agora sabiam que não estavam mais sem destino a seguir, depois de saírem daquele lugar. A mulher parecia perceber como estavam mais felizes após ela ter falado do ex-professor. Porém, não sabia por que, mas demonstrava felicidade em ajudá-los. Apesar do horário de expediente dela já ter ido embora, parecia não estar nem um pouco aborrecida com a presença deles dois, e muito empolgada continuava falando, não mais sobre a fundação da Rocinha, e sim, da vida do seu Benjamin, pois ela parecia saber muita coisa.

— Será que é possível encontrarmos esse senhor? — Pergunta Johan quando a mulher deu uma chance para ele falar.

— Com certeza será um prazer para ele. Já falei, ele vai

adorar conversar com você!

— Então, o que estamos esperando? Se você puder nos explicar por onde precisamos ir para chegarmos a casa dele, desde já agradecemos. — Johan fala na esperança dela falar que vai deixá-los na casa do tal Benjamin.

— Mas não precisa que eu ensine. Moro perto dele, um pouco mais acima. Por isso, preciso passar por sua casa antes de chegar na minha e deixo vocês lá com ele, não vai me custar nada mesmo.

As palavras vindas daquela mulher foram muito melhores do que ele esperava. Ele não sabia se agradecia ou se deixava para quando chegasse à casa do dito senhor.

— Então está bom, se não for atrapalhar você em nada... Tudo certo.

— Não, a mim, não vai atrapalhar. É só vocês me esperarem, pois tenho que fechar as portas daqui, porque só volto segunda-feira. Mas é rápido, não se preocupem.

A mulher, toda animada, começou a fechar a janela, subiu as escadas para fechar as de cima. Eles ficaram em baixo sem fazer muitos comentários. Tinham dado sorte de encontrarem pessoas muito simpáticas ou todos os moradores eram assim? Impressionados com a felicidade que habitava em um lugar igual àquele, os moradores ainda ficavam felizes e satisfeitos por estarem ajudando desconhecidos. Tanto para um como para o outro isso era uma lição de moral.

— O que você achou desta mulher, Michael?

— Muito simpática, porém, me deixou com um pouco

de preocupação. O que ela vai ganhar em nos ajudar? Existem pessoas assim mesmo? — Michael indaga.

— Concordo com você, mas não temos outra opção. Essa é a única e vamos correr atrás. Esse Benjamin deve ser muito bom mesmo, afinal, duas pessoas falaram sobre ele.

— Tomara que seja mais um simpático, disposto e com interesse em nos ajudar. — Michael termina essa frase já percebendo o retorno de mulher.

— Vamos? Estou pronta, não se preocupem, é um pouco longe, mas com certeza chegaremos. Vocês querem ir de ônibus, mototáxi ou a pé mesmo? — Pergunta a mulher já do lado de fora com os dois na calçada.

Johan pergunta para Michael sobre como ele prefere ir, mais uma vez em inglês, pois estava sendo esse o idioma adotado pelos dois, mesmo sem combinarem, desde os primeiros momentos. Dona Veronica não parecia se incomodar com a tradução feita por Johan a seu amigo, mas às vezes parecia achar engraçado, porém, eles deixavam tudo correr normalmente.

— É muito longe daqui para a casa dele, dona Veronica?

— Depende do seu ponto de vista sobre longe responde mais uma vez muito bem humorada. — Para mim que subo todos os dias, não é muito longe, têm dias que subo de moto, mas se vocês quiserem ir andando, tudo bem, pelo menos economizo o dinheiro desta semana. — Concluindo mais um riso.

Michael, com um inglês quase perfeito para um americano, fala para Johan que será melhor eles subirem a

pé, sem dúvida podem encontrar evidências durante o percurso.

— Nós preferimos ir andando, — Johan olha para Veronica e fala — se estiver tudo bem para você. É que de repente podemos encontrar algumas coisas interessantes pelo caminho, se não incomodar a senhora. — Johan fez questão de lembrá-la.

Capítulo 27

Sábado, EUA

O dia estava passando, era mais de meio-dia. Charles não tinha ideia de como, nem onde, ou que estaria fazendo o seu melhor amigo, mas tinha muita certeza: ele era inocente e se dependesse de Jack, não seria condenado, pois certo da inocência de Michael, provas falsas não apareceriam se dependesse dele. O problema é que como ele falou, nada dependeria do perito e se ele, em sua vida, já forjou provas, hoje, quem sabe, nada era diferente e tudo poderia acontecer, inclusive, seu amigo ser preso. O desejo de Charles era que aparecesse o culpado, ou um culpado, mas não seu amigo, Michael. E se não aparecer? O que farei? - Essas perguntas eram inúteis, porém ele tinha um segredo que jamais poderia revelar. Se a polícia souber de sua ajuda ao suposto assassino, ele estava acabado e, inclusive, poderia ser indiciado por facilitação de fuga.

No quarto, onde ele estava, encontravam-se dois policiais tentando buscar explicações para tudo o que estava acontecendo. Ele olhava aquele corpo no chão e cada vez mais não conseguia acreditar. Em poucos minutos, estaria chegando o IML para recolher o corpo, pois a polícia não precisava mais do cadáver ali presente. Os dois

policiais realizando a perícia pareciam ignorar a presença de Charles ali, que muito preocupado com as gravações das fitas de vídeos que, provavelmente, tenham capturado imagens que ele não gostaria que fossem vistas por seus superiores e muito menos pelas pessoas que clamavam por justiça.

— Mas nem posso fazer nada. Será que eu tenho mesmo motivo para me preocupar? Mas também só me pergunto, não estou ligando para os fatos. Quero e espero que tudo dê certo, ou melhor, não tenho que esperar para dar certo, preciso é fazer por onde para dar certo — Termina o seu pensamento e tenta entrar em ação.

Quando ia saindo, ele esbarra com Jack, com uma cara que, há muito tempo, não via em ninguém.

— O que foi? — Pergunta sem saber qual dos dois estava com a cara mais surpresa.

Jack demora um pouco, mas finalmente resolve responder:

— É, se confirmou o que eu previa. As fitas da noite anterior estão todas aqui, menos do período que vai das 23h44minh as 00h27minh. Não sei como foi possível, mas o problema é que o segurança garantiu não ter se desligado um minuto sequer do monitor, e não viu nada de anormal. O outro problema é as trocas dos turnos, que ocorrem exatamente à meia-noite. E só conseguimos falar com o segurança sucessor, não falamos com o outro, mas isso não é o meu papel e, sim, o seu. Quero deixar claro que eu não tive nada além de uma conversa amistosa, totalmente informal.

Charles fala sem jeito depois de um pequeno silêncio:

— Não, tudo bem, eu só estou pensando em como aconteceu. Quando cheguei aqui, a primeira coisa feita foi pegar aquelas fitas e mandar para a perícia. Pelas mãos de quem passou? Teoricamente, ninguém tinha interesse algum em mudar nada.

— Também acho — Allan Jack reforça.

— A não ser que antes de mim, algum interessado tenha mudado, antes mesmo de eu ir lá buscá-las. Não cheguei a ver as imagens das fitas, mas não acredito ser impossível, não daria tempo nem de pegar estas fitas, ou talvez seja *The Fash* para conseguir fazer isso tudo nesse pequeno espaço de tempo. Acredito, se é que houve mudança, que aconteceu no intervalo entre a saída de minhas mãos até a chegada da perícia, mas ninguém seria capaz de fazer isso. Ninguém teria motivo, ou pelo menos acredito não tenha, e espero estar certo.

— Mas você não está entendendo, — interrompe Jack — as fitas estão todas aqui, não há cortes, exceto naquele momento que te falei há pouco... Calma, deixe-me explicar, — falou Jack, percebendo a tentativa de Charles em tentar fazer uma pergunta — as imagens do sistema, do circuito interno de câmeras do hotel, não são das melhores, mas dá para se ter uma boa noção do que aconteceu. Dá pra ver quando você e os outros dois policiais chegam e entram, mas não sei o porquê, quando você chega ao corredor, não tem imagem sua. Aparentemente, as imagens do horário que te falei não querem dizer muita coisa. Aqui tem câmeras na parte externa, nos corredores, na garagem, nos

elevadores, menos nas escadas. Mesmo assim, seria impossível alguém entrar sem ser notado, pois quando alguém termina um lance de escada, é visto pelas câmeras. O difícil é entender por qual motivo o indivíduo pegou uma parte das fitas em que não interessava para nada, nem a ele mesmo, ou seja, esta parte o condena tanto quanto o restante do material. Será que ele, na pressa, se atrapalhou todo?

— Mas como isso acontece? Eu entrei no quarto e vi a cena toda. Como é que as câmeras não me pegaram se eu estive aqui? Alguma coisa está totalmente errada. Dá pra ver se Michael aparece nas imagens? — Charles parece não entender nada.

— O mais incrível é que dá para ver só quando ele sai do quarto, por volta das 23h41minh, poucos minutos após você ter subido. Como aqui neste hotel só tem dois apartamentos por andar, fica muito mais fácil acompanhar todos os movimentos, então, com relação à saída de Charles do seu quarto, dá para ver até o momento de ele começar a descer as escadas. Como ele estava descendo, a lógica diz que ele apareceria no outro andar abaixo de onde estava.

— E não aparece?

— Aí está o problema! Ele não aparece! Demoram alguns minutos, eu não lembro quantos, mas estão todos marcados, daí ele já aparece a dois andares do seu apartamento. Logo embaixo de Hans Max, isso é cerca de meia hora depois. Com certeza, o escritor já estava morto, inclusive, após você ter chegado. Incrível como você não

deu de cara com ele, pois você entrou antes dele reaparecer no outro andar.

— É verdade. Se eu tivesse acreditado nas minhas informações, teria, quem sabe, evitado tudo isso. Mas como não foi possível evitar, posso apenas tentar descobrir como aconteceu e colocar, o quanto antes, os responsáveis na cadeia. Espero não demorar muito, apesar das situações não estarem ajudando. A minha esperança é o resultado final das análises das digitais em todos os lugares feitos. Sinceramente, eu espero que me tragam boas notícias, pois se forem iguais às imagens das câmeras, não ajudarão muito. Você sabe quando sai o resultado, se vai demorar?

— Não. Vai ser rápido. A opinião pública conta muito nestes tipos de crimes e a perícia das digitais é rápida, não tem ninguém, nem nada tentando impedir que isso aconteça e há boa vontade da parte de todo mundo: do pessoal do hotel, das pessoas hospedadas, dos funcionários. Resumindo, acho que até amanhã ou depois, no máximo, esteja pronta uma boa quantidade de provas. Com a tecnologia que dispomos aqui nos Estados Unidos, isso não demora quase nada, além de termos uma grande equipe de pessoas trabalhando.

— Só isso? Ainda bem que é rápido mesmo!

Esse foi o único comentário que Charles fez, mas, em sua mente, por um momento, lembrou-se do cara responsável por esta situação, que sempre o livrou de todas as outras que ele havia se metido. Mas, pela primeira vez, parecia estar sem saída. *“Como consertar um erro deste tamanho? Será que deveria esperar ele resolver este problema,*

como sempre? Ou será melhor eu fazer a minha parte, sem me preocupar com o resultado?”.

Afinal, sempre foi assim. Quando estava em um momento de desespero, sempre surgia ele com aquele telefonema surpreendente e com aquela voz misteriosa que quando estava sem problemas, era horrível, mas quando estava nas mais difíceis das situações, aquela voz tornava-se muito agradável. Mas onde está aquela ligação que nunca aparece na hora necessária? E o pior disso tudo é que, em sua cabeça, só surgiam, a cada vez que tentava pensar em uma solução, novas perguntas. Por isso, ele não queria mais pensar em nada e esperar.

Mas não tinha como, ele havia cometido um erro e precisava pagar por isso. As perguntas o perseguiram, e enquanto tudo não estivesse esclarecido, isso continuaria.

— Como fui capaz de fazer aquilo? Aquele idiota me fez passar por tudo isso, ele se vira para me tirar dessa. Sempre cumpri minhas promessas e espero que ele cumpra com a parte dele. O problema é que se ele não fizer nada, estou na pior e ele nem aí para mim. Como vou cobrar algo de alguém que nem conheço? O certo é eu fazer a minha parte, mas uma ligação dele nunca seria tão bem-vinda como agora. Como sempre, ele só liga para defender interesses próprios e, aparentemente, nada nesta situação o interessa. Preciso me virar sozinho, nem faço ideia por onde começar. — abaixa a cabeça e olha meio sem graça para Jack, também sem entender nada do que estava se passando pela mente de Charles — Mas isso não era novidade, talvez nem o policial amedrontado sabia o que se passava pela sua

cabeça. Neste instante, ele olha no relógio e vê que já são 16h.

— Eu sei que não é de minha conta ficar perguntando, mas posso te fazer uma pergunta totalmente sem importância, só por curiosidade? — Jack surpreende Charles com essa interrogação.

Charles ficou um pouco preocupado com o teor da pergunta, e pensa antes de dizer: “*Se não é importante, por que ele quer me perguntar?*”.

— Tudo bem, pode perguntar.

— Vocês subiram pelas escadas juntos, todos os degraus, lance a lance?

Charles acha sem importância a pergunta e imagina que deve ser pelas imagens contidas nas fitas, mas responde com firmeza:

— Não. Nós subimos nos dividindo. Pedi que ficasse um na primeira escada; outro, na segunda, e eu subi sozinho. Demorou um pouco e os dois policiais me acompanharam, mas eu já estava no fim da escada que dava acesso ao quarto de Hans Max e subimos juntos.

— Está bem. Era só isso mesmo, obrigado. — Termina Jack.

Capítulo 28

Alemanha

— Alô! O que você tem para me falar desta vez? — Fala já perguntado Gutenberg.

— E aí, como estão as coisas? — Fingindo não ouvir o comentário dele, responde a voz de quem estava ao telefone, fazendo outra pergunta.

— Muito trabalho, e talvez nem estejamos no local certo.

— Com certeza vocês estão no lugar certo, que pessimismo é este? Quer dizer, eu também acho que seja aí. Se Hans Max teria algo a esconder de alguém, com certeza, ele guardou dentro desta casa nada pequena, você já deve ter percebido.

— É muito grande mesmo e eu não tenho a menor ideia por onde começar. Estou na biblioteca, vou começar por ela mesmo.

— Eu também começaria pela biblioteca, mas lamento não poder ajudar em nada. Não conheço a casa por dentro, só torço por você encontrar o que te pedi.

Gutenberg fala mostrando-se irritado:

— Mas você não tem nenhuma sugestão, uma opinião

ou algo assim? Se bem que mesmo tendo, não diria, pois nem da casa você foi capaz de falar que era o lugar a ser vasculhado para encontrar o maldito livro.

— Não, eu realmente não faço a menor ideia, e praticamente falei onde seria o local a ser encontrado o livro, só quis brincar um pouquinho, afinal, onde mais poderia estar? Em uma biblioteca pública de Berlim? Se um dia esteve lá, foi até Hans Max pôr as mãos nele. Então, eu resolvi testar a capacidade de raciocínio de vocês, e funcionou viu? — Termina como se estivesse brincando.

— Mas não foi para isso que você me ligou, foi? — Gutenberg pergunta, irritando-se ainda mais.

— Mas poderia ser. Um amigo não pode ligar para outro?

— Pode. O problema é que eu não me considero seu amigo, nunca nem te vi.

— Que isso? Nós somos amigos sim, ao ponto de te fazer o homem mais importante da Alemanha. Se nós não fôssemos amigos, jamais faria isso — Faz questão de lembrar mais uma vez a misteriosa e perseguidora voz.

— Às vezes, eu chego a duvidar que isso aconteça, sabia?

— Como assim? Você está na frente de qualquer um nas pesquisas, nunca prometi nada a você para não cumprir, ou você esqueceu-se disso?

— Não, eu nunca me esquecerei de nada do que você me fez conquistar, mas também você nunca tinha me pedido nada tão complicado de encontrar, entendeu?

— Lógico, entendi sim. Mas você precisa entender é que isto não é nenhum sacrifício absurdo para você, se comparado ao quanto já te ajudei. Óbvio que o mais esperado está por vir ainda, mas eu te asseguro: vai vir, sem a menor dúvida.

— Eu queria ter a mesma certeza que você. — Gutenberg está duvidoso com relação ao seu futuro na política.

— Não vejo motivo para desconfiança.

— O problema não é de sua parte, mas da minha. Se eu não conseguir o que você quer, nunca mais eu terei você para me ajudar em nada e não sei se conseguirei alguma coisa nesta vida sem sua ajuda.

— Então o problema não é meu, mas é com você mesmo.

— Sim, eu sei, você consegue tudo, sou testemunho disso. Ninguém pode falar mais sobre você do que eu, levando em conta a minha experiência, em nada posso ter dúvida.

— E por isso eu te falo para não duvidar. E garanto uma coisa: o ciclo desta nossa amizade está chegando ao fim, se esta não for a sua última missão, pode ser quase a última.

Sem saber como reagir diante daquela informação, Gutenberg fica calado pensando no que dizer. Se durante quase toda sua vida dependeu dele para alguma coisa, como seria sem aquele cara chato, mas quase sempre bem-vindo? Tudo o que conseguira desde quando se tornou um adulto dependeu dele. No entanto, precisava encarar essa

nova realidade agora tão próxima, caso confirmasse as palavras do cara ao telefone. Agir com naturalidade seria uma boa, fingindo não ter ouvido também. Mas, quem sabe, aquela pessoa quisesse ouvi-lo implorando para não o deixar.

Rápidos pensamentos passaram pela cabeça de Gutenberg, que realmente queria ter uma resposta urgente e capaz de satisfazer aquela pessoa que falava ao telefone durante muito tempo. E estava precisando de uma resposta rápida é boa para dar e ele resolve seguir seu primeiro pensamento:

— Você está falando que nunca mais nos falaremos?

— Se todos os meus pensamentos estiverem certos e você encontrar o que procura, não vejo motivo para precisar de você.

Estando certo que poderia ficar sem o seu orientador, Gutenberg fica com medo, mas prefere a cautela.

— Tudo bem. Se você acha que eu não sirvo mais para você, faça melhor e boa sorte.

— É, mas nada está decidido ainda. Temos muita coisa a resolver, e não te liguei para falar sobre nada disso. Você me conhece e sabe que só ligo se for por algo importante, e o que tenho a falar pode até ser legal. — Gutenberg continua em silêncio — Eu te dei, praticamente, até segunda para encontrar o livro, mas, na verdade, aconteceu um pequeno problema com um pessoal que terá de realizar um trabalho no mesmo dia e só estarão prontos na terça-feira. É quando eu vou querer, se não o livro, uma boa resposta de sua parte.

— Está bom então. O que você tem de bom para me falar é isto? Eu tenho até terça-feira, e não mais só até segunda, como a princípio? — Gutenberg fala sarcasticamente.

— É isso mesmo. Qualquer novidade, eu volto a te ligar, mas com relação ao dia, será terça-feira mesmo, sem chance de ser antecipado. Ou seja, você terá um dia a mais. Mais alguma pergunta interessante?

— Sim. Por que você quer tanto este livro?

— Mais alguma pergunta? — Finge não ouvir a pergunta de Gutenberg.

— Não, só esta mesmo.

— Então, tchau. — Desliga o telefone.

— Idiota! Só responde coisas do interesse próprio! Se ele soubesse como eu fico, nunca mais desligaria o telefone na minha cara. — Desabafa sozinho.

Com um olhar voltado para um livro a certa altura na estante, Gutenberg não sabe como reagir, se fica feliz por se livrar daquele cara, ou se continua xingando-o, se conta sua história com ele para Nikolas, ou é melhor deixar para outra oportunidade. Ele continua observando tudo ao seu redor. Um teto de vidro ajudando a iluminar a biblioteca, tapetes lindos no piso, talvez, fossem muito valiosos, e uma solidão que parecia tomar conta dele de uma hora para outra, como se nada fizesse mais sentido, para ele, nesta vida. Foi quando se deu conta de que Nikolas não estava ali em lugar algum, pelo menos em nenhum lugar visível aos seus olhos.

— Nikolas! — Grita meio assustado Gutenberg.

— Oi, estou aqui. Saí do outro lado em uma porta que ficava por trás de uma estante cheia de livros.

— Onde você estava?

Nikolas fala mostrando uma porta que, aparentemente, era parte da estante, mas era uma espécie de entrada secreta.

— Eu vi esta porta e entrei. Olha só que porta excepcional! Nem parece uma porta, é uma parte da estante, mas, ao ser empurrada, se abre.

— O que tem aí atrás? Além de livros, claro.

— Por incrível que pareça, aqui não tem livro algum, tem um monte de coisas, menos livro, mas eu pensava estar cheio deles.

Gutenberg achou aquilo muito estranho, mas preferiu não se preocupar com tantos problemas ao mesmo tempo. Ganhou mais um dia e resolveu contar tudo sobre a existência e o que havia entre ele e aquele maldito livro que deveria estar deixando Nikolas no mínimo curioso.

— Nikolas, você, com certeza, desde quando te chamei para esta missão, deve estar se perguntando qual o meu interesse por esta porcaria de livro, mesmo tendo te pedido para não perguntar nada sobre ele. E agora há pouco você deve ter ficado ainda mais sem entender nada. Eu disse que não atenderia o telefonema de ninguém e terminei atendendo.

— Não, o senhor é quem sabe se devo saber o motivo ou não. Estou curioso, qualquer pessoa ficaria na minha situação, mas se não quiser me contar, vou entende. —

Nikolas tenta ser discreto, ele só não havia implorado para saber o que Gutenberg queria com aquele livro porque tentava ser discreto.

— Você deve ter se perguntado com quem eu estava falando, deve ter percebido que não era com pessoa uma conhecida sua.

Nikolas tenta dar uma explicação sem necessidade:

— Quando o senhor começou falar, eu fiz questão de sair de perto para não ouvir o que não devia.

— Mesmo assim, eu estava falando com uma pessoa que realmente você não conhece. Na verdade, nem eu mesmo conheço esta pessoa com quem acabei de conversar.

Nikolas não fala nada, mas depois deste comentário, Gutenberg percebe o motorista mais atento às suas palavras, e ainda continua incerto se contaria ou não. Qual a reação do homem do telefone se soubesse que ele havia contado a alguém um segredo de muitos anos? Ele começa a pensar na conversa com o seu orientador, e percebe que em nenhum momento ele o escutou falar de Nikolas, e acha estranho que ele se referisse todas as vezes a Gutenberg na segunda pessoa do singular.

“Se ele é uma pessoa sabida de tudo o que se passa em minha vida, então, com certeza, sabe que Nikolas está comigo aqui”. — Imagina sem entender e com muitas dúvidas. — *“Mesmo assim, devo contar o que vim fazer aqui. Ele merece saber e já estou prestes a me livrar daquele maluco mesmo”*. — conclui. Antes de fazer o que estava crendo ser certo, Gutenberg decide perguntar a Nikolas.

— Você acha que todo ser humano é ambicioso?

Nikolas é pego de surpresa, pois a conversa está tomando outro rumo. Mesmo assim ele responde:

— Sim, não tenho dúvida disso. Todo mundo sonha em ter algo que, provavelmente, nunca terá, mas nunca desiste de sonhar. As pessoas são movidas pelos seus sonhos.

— Como assim? Você quer dizer que todos nós sonhamos em vão?

— Nada disso, eu estou dizendo o seguinte: por mais que realizemos nossos sonhos, nunca poderemos desistir de ir em busca de novos sonhos.

— Mas você não concorda que há sonhos que a própria pessoa sabe que será impossível a sua realização e mesmo assim persiste com o danado?

— Não, quando alguém sonha o impossível, por mais que possa parecer difícil, a pessoa sonhadora acha capaz de conseguir. O impossível é para quem está de fora.

— É... Realmente as pessoas são muito inocentes com relação a seus sonhos. Uns não medem esforços, outros desistem sem ao menos tentar, mas o importante deve ser a crença que cada um tem em si. — Apenas concorda Gutenberg.

Nikolas, aproveitando o momento de diálogo, continua.

— Para mim, o mais impressionante, em qualquer ser humano é a capacidade do ser herói que cada um tem dentro de si.

— Como assim, eu não entendi? — Pergunta um curioso

Gutenberg.

— Qualquer pessoa, quando se depara com um dilema, quer logo resolver. Mesmo sem ser o seu problema, começa a fazer planos para solucionar, ajudar pessoas necessitadas, acabar com a guerra, curar determinada doença incurável, salvar o planeta de ataques extraterrestres, ou simplesmente ajudar a uma criança órfã. Toda pessoa gostaria de fazer este tipo de coisa, por mais modesta que pareça. Talvez por vaidade ou para ajudar mesmo algum necessitado, mas o herói é sempre quem está imaginando a situação, e nunca percebe que não passa de um bando de egoístas esperançosos. — Termina como se estivesse falando sozinho.

— Concordo com você em tudo o que acabou de falar e é impressionante como sempre somos os principais heróis de nossas fantasias e nunca paramos para pensar que a vida não é feita de sonhos irreais. Mas se formos pensar deste jeito, todas as pessoas do mundo são egoístas, você não acha?

— Mas é exatamente aí onde eu quero chegar. As pessoas até quando estão ajudando aos outros, estão pensando em si mesmas. Elas não fazem nada para ajudar a ninguém, mesmo inconscientemente. Só fazem para se ajudar, pois as pessoas não fazem favor para se sentirem mal diante do que fizeram, pelo contrário. Se você perguntar a uma pessoa que acabou de fazer um favor à outra qual o motivo levou-a fazer isso, a resposta será sempre a mesma: “para me sentir bem, porque é meu dever, porque tenho e posso ajudar”. Dificilmente você

encontra alguém que dirá: “eu ajudei para que esta pessoa se sinta bem, para ver uma pessoa sorrir.” Ou seja, a bondade da maioria das pessoas, na verdade, é um egoísmo disfarçado.

Gutenberg estava há bastante tempo ouvindo Nikolas fazer este pequeno discurso, mas resolve falar:

— Ou seja, o ser humano só ajuda aos outros de verdade quando faz sem pensar no seu estado emocional. É isso?

— Mais ou menos. — Termina Nikolas quase rindo sem saber como entraram naquele assunto tão inoportuno.

Capítulo 29

Sábado noite, Brasil

Depois de tanta conversa, eles quase estavam perdidos no tempo e esqueceram que tinham um prazo para tudo. A hora estava passando e desde quando chegaram, não sabiam se tinha evoluído em algo ou estavam na estaca zero. Tudo dependeria da resposta do tão falado Benjamin. Por um momento, Michael começou a pensar que depois de chegarem a casa deste senhor, se ele não quisesse falar nada, seria um direito dele e nada poderiam fazer. Michael não comentou com Johan, mas sabia que ele também estava pensando nisso.

Começaram a andar. Veronica ficou um pouco distante, após ter brincado com eles, dizendo que se era longe ou não, dependia do ponto de vista dos dois, mas foram caminhando mesmo. E a cada lugar por onde passavam, ela fazia questão de lhes dizer como eram os nomes das regiões da comunidade. Pequenos lugares que não davam para se ter uma ideia de como ela conhecia o início e o fim de uma e de outra, mas ela sabia o nome das estreitas ruas. Johan repetia em inglês toda a conversa para Michael.

Seguindo rua acima sem um destino certo, passando por carros de todos os tipos, quando estavam em ruas

possíveis disso, pois, em outra, uma simples pessoa era difícil de passar. Mas estavam indo, com um pouco de medo ou apenas insegurança. Johan aparentava mais medo que Michael, pois para quem havia passado por tudo o que ele passou nas últimas horas, nada poderia o assustar tanto, nem ele mesmo sabia se estava com medo de não encontrarem nada ou de encontrarem muitas evidências e resolverem logo os problemas de Johan. Mas e os seus? Quem resolveria?

— Aqui é a Via Ápia — Fala a mulher se referindo a mais uma localidade. Para Johan, passou despercebido, porém, quando ele traduziu, Michael tomou susto.

— O que você falou? — Ele para e pede para Johan repetir. Dona Veronica poderia não entender nada do que ele estava falando, mas, pela cara de Michael, dava para ver que alguma coisa que foi falada o deixou muito sério.

— Via Ápia, foi o que ela me falou. Algum problema?

Agora os três estavam parados no meio da rua e se viesse alguém, com certeza, atrapalharia. Dona Veronica e Johan ficaram parados olhando para Michael, e este aparentava estar muito bem de saúde, mas não custava nada perguntar.

— O que foi, Michael, está se sentindo bem? — Pergunta com cara de quem não estava entendendo nada.

— Evidências, você não está percebendo? Via Ápia! Eu não estou acreditando, porque alguém que não é italiano chamaria este lugar por este nome? — Para não deixar dona Veronica preocupada, Johan agora traduzia tudo para ela.

— Verdade. — diz com muita felicidade Johan — Como é que isso ia passando sem ser percebido por mim? Muito bom você lembrar-se disto!

— Mas o que tem de tão especial a Via Ápia? — Pergunta Dona Veronica tentando entrar na conversa dos dois que pareciam ter se esquecido dela.

— É o seguinte, Veronica, Via Ápia é uma palavra que vem do Latim ou do Italiano, não tenho muita certeza de qual das duas línguas ela vem exatamente. Mas Via Appia, na Roma antiga, era uma das principais estradas militares. A sua construção tem início em 312 a. C. Ela recebeu este nome em memória de Ápio Cláudio Cego, que era um político romano muito influente.

— Agora eu estou entendendo! Ele ficou assim por estar feliz por ter encontrado neste fim de mundo algo semelhante ao lugar que ele veio, não é isso?

— Exatamente! — Responde sem querer contrariar a humilde mulher.

— Mas se ele já ficou assim só de encontrar alguma coisa da Itália, imagina se encontra da Alemanha? — Diz ela se mostrando preocupada com as atitudes dele ao se deparar com algo.

— O pior é que é verdade!

— Não querendo ser inoportuna, mas é que eu gosto muito de saber das coisas para quando for conversar com alguém ter assuntos. Se você quiser me falar sobre essa história da Via Ápia, eu agradeço. — Implora Veronica.

— Com certeza será um prazer falar sobre isso. Porém,

ele deve saber mais sobre este assunto, assim Michael vai me falando e eu traduzo, pode ser assim? Enquanto isso, nós podemos ir andando para não nos atrasarmos.

Muito animada, ela diz:

— É mesmo. Vamos andando, senão a gente nunca mais chega, mas pode, desde já, ir me falando tudo o que sabe!

Michael era conhecedor não só deste, mas de vários assuntos ligados à história de muitos países. Ele, às vezes, estudava cada coisa que não sabia se um dia precisaria, como assuntos pedidos por seu pai sem nunca dizer a utilidade, ou simplesmente por curiosidade passageira. Ele se interessava em saber sobre determinada coisa, e depois de aprender, surgia o desinteresse, ficando apenas com o conhecimento como lucro. Porém, ele nunca havia reclamado de nada que aprendera em muitos anos de estudo dedicado às suas centenas de livros.

Este deve ter sido, sem dúvida, um destes estudos que ele fez sem servir para nada. Provavelmente, não lembrava onde havia estudado, porém, tinha muito conhecimento ligado não só a Itália, mas também a toda Europa. Passar um pouco de conhecimento para aquela mulher disposta a aprender seria prazeroso para eles, pois até então só tinham pedido ajuda dela e sem nada pedir em troca ela colaborava com muito gosto, aparentemente. Johan pensa e Michael também não se negou a falar.

— Tudo começou, como já falamos antes, no ano de 312 a.C, o então censor, Ápio Cláudio, iniciou a sua construção. A Via Ápia nada mais era do que estradas iniciadas em Roma, dirigindo-se para Sul e Leste, em direção ao centro